

"exigente", "brava", mas que "não perde tempo" e "puxa a matéria". Isto não significa que subjacente a esta adesão não haja em al-
volta sufocada pelo medo de protestar e ser pre-
élla representa este medo: no início da entrevista
a filha é boa aluna, estuda sozinha, é muito boa
n com todos e gosta da escola e da professora.
o tempo em que afirma que a professora é muito
recordar com isso, "porque é bom para as crian-
conta que a professora bateu com a régua em sua
em casa chorando e pedindo para mudar de pro-
arido chegaram à conclusão de que era melhor
retora mas nunca o fizeram porque acharam que

isto poderia prejudicar a menina. Mais adiante, ao ser indagada es-
pecificamente sobre a história escolar da filha, desabafa: "ela não
gosta da professora porque ela bate com a régua, dá tapa e xinga",
não escondendo uma revolta que não consegue levar até a escola.

Embora as queixas de agressão não se restrinjam a esta profes-
sora, a insatisfação com o estado de coisas vigente na escola faz um
contraponto ainda pálido com o fatalismo, a auto-responsabilização
e o medo generalizados. O fato de a escola do Jardim diferir das que
usualmente se encontram na rede em termos de limpeza, organiza-
ção e assistência torna ainda mais difícil a uma grande parcela de
seus usuários perceber a opressão e a arbitrariedade que impregnam
as práticas e processos que nela se dão ou insurgir-se contra elas.
O caráter assistencialista das relações entre a direção e a clientela
associa-se ao discurso técnico-científico para legitimar procedimen-
tos que realizam os "pequenos assassinatos" que povoam a vida nu-
ma sociedade tanto mais autoritária quanto mais desigual o poder
das partes em confronto. Mas a insatisfação e a desconfiança do usuá-
rio em relação aos serviços prestados pela escola se fizeram presen-
tes durante as entrevistas e encontraram sua expressão mais acaba-
da na fala de uma das mães:

"Passou de ano mas não é do meu agrado, não, tá muito fraco.
Eu, pra mim, não passou, foi passado, a professora já tava cheta
da cara dele."

PATTO, M.A.S. A produção do fracasso
escolar. SP: T.A. Querosz Editora 1991
(cap VI)

6. Quatro histórias de (re)provação escolar

Reprovar: não aprovar, rejeitar, ex-
cluir, censurar, repreender, des-
prezar/Provar nova e repetida-
mente, provar bem.

Provação: ação ou meio de provar,
de experimentar a consciência, o
sofrimento, a paciência, a virtude
etc./Transe, aperto, trabalhos pe-
nosos, situação difícil.

Re-provação: provar bem de no-
vo/Ser submetido novamente a so-
frimento, transe, aperto, trabalhos
penosos, situação difícil.

A história de Ângela

Ângela é filha e neta de pequenos sítiantes do interior de Per-
nambuco. Cícera, sua mãe, nasceu há vinte e nove anos no sítio La-
goa da Flecha nos arredores da pequena cidade de Belém da Maria,
a cerca de 100 km de Recife. José, seu pai, foi ainda pequeno para
o mesmo local. Cresceram juntos e trabalharam duramente nas li-
des da casa, na criação de pequenos animais e na agricultura de sub-
sistência desde crianças. Casaram-se ainda muito jovens, o que, pa-
ra Cícera, significou a quase inevitável continuidade do processo
desencadeado com seu nascimento: "O tempo vai realizando as es-
sências previstas: menina, mulher, esposa, mãe. Em todas elas o tra-
balho está presente, sem surpresas." (Mello, 1985) Em 1971, qua-
tro meses após o casamento, Cícera e José repetem "a rota seguida
por parentes e amigos" e chegam a São Paulo, ela com dezessete,
ele com dezoito anos, ambos analfabetos, com poucos pertences e
muita esperança que acomodam temporariamente na casa de paren-
tes em São Miguel Paulista.

Condições climáticas desfavoráveis explicam, a seu ver, a in-
viabilidade da vida no local de origem: "Lá no norte faz muita seca

e quando chove inunda tudo, perde a lavoura." Pouco tempo depois, ainda através de relações de parentesco, José consegue passar da condição de trabalhador rural à de trabalhador urbano e assim garantir sua permanência na cidade: com a ajuda de um primo de Cícera, é admitido numa fábrica de tintas próxima ao Jardim como operário não-qualificado onde, carregando e descarregando caminhões, obtém o dinheiro suficiente para alugar um cômodo no Jardim. Aí permanecem cerca de dois anos, até a vinda de outros parentes do Nordeste, cuja presença viabiliza o aluguel, no mesmo bairro, de uma casa um pouco maior.

Ângela, a primeira filha, nasce em 1974, o que torna mais urgente a procura de um lugar menos exíguo para morar. Durante cerca de sete anos pagam aluguel, até que o proprietário da pequena casa resolve vendê-la. José alega que não tem dinheiro e se dispõe a deixar a casa mas Cícera toma para si a tarefa de conseguir o dinheiro suficiente para iniciar a compra da casa. Começa, então, a vender os poucos móveis que têm, conservando apenas a cama e o fogão, "passa" três rifas, aperta o orçamento, come o mínimo necessário, consegue cerca de dois terços do valor da entrada e incumbe o marido de "arrumar o resto", conseguindo realizar, assim, o sonho da casa própria. Cícera ainda hoje se emociona quando narra a epopéia vivida para conseguir um teto: "Aqui em São Paulo, quem tem casa própria tem tudo."

Mas a luta não termina aí; ela é cotidiana, incessante e levada pela determinação de Cícera de continuar buscando melhorar as condições de vida da família que cresce a cada ano: em 1975, nasce José Ângelo; em 1976, Ângelo Aparecido; em 1979, Rosângela, e em 1982, Michel. Após a batalha para conseguir dar início à compra da casa começa a luta seguinte para reaver os móveis vendidos, o que acontece lenta e pacientemente ao longo dos anos. A compra da "luz própria" leva-a novamente a vender alguns móveis e assim fará sempre que precisar comprar os seus direitos. Em 1983, o sonho é ampliar a casa, construindo mais dois cômodos na parte superior; é em torno deste objetivo que se concentra a luta de Cícera enquanto convive conosco e gera o sexto filho, que deverá nascer até o final de 1984.

O fato de Cícera ocupar o lugar central na história da família não é uma distorção do relato: José é um provedor ausente que cumpre com sua obrigação de trazer o dinheiro para casa, mas não participa do dia-a-dia doméstico, desenvolvendo grande parte de sua vida fora de casa, para onde retorna muitas vezes tarde da noite. Desde o primeiro contato com a pesquisadora, numa entrevista individual na escola, no final de 1983, Cícera refere-se aos seus problemas de relacionamento com o marido que, a seu ver, decorrem do fato de ele sair muito, chegar tarde em casa e da suspeita de que

ele tem outra mulher, o que os leva a discutir com frequência e a fazer uma pessoa insatisfeita.

Embora reconheça que José é um "bom funcionário", o que garantiu sua permanência no mesmo emprego desde que chegou de Pernambuco, e nos informe que "Zezinho é trabalhador, desde pequeno carregava a família, o pai dele não gostava de trabalhar e era ele quem punha comida em casa", as dificuldades de que constantemente padecem a levam a responsabilizar o marido e a imaginar que se ela fosse a "chefe da família" tudo seria diferente. A divisão desigual nos cuidados com a casa e os filhos sacrifica Cícera, que traz em seu corpo os "estigmas de sobrecarga" de que fala Antônio Cândido: muitos filhos e muito trabalho fazem-na aparentar mais do que seus vinte e nove anos, em contraste com o aspecto mais jovem do marido, um ano mais velho. As vizinhas a aconselham a "dar graças a Deus por seu marido ser um homem trabalhador" e a advertem de que se "continuar brigando com o Zezinho ele vai acabar lhe abandonando", ao que ela responde:

"Não me importo, se quiser pode ir hoje mesmo... tenho dois braços e duas mãos e posso trabalhar... não é porque não tenho leitura que não vou conseguir... conheço muitas mulheres que trabalha."

O relacionamento entre eles é tenso, difícil, marcado pelas constantes queixas de Cícera e pela crescente tendência de José a permanecer fora de casa.

Vivendo a cisão que Rodrigues (1978) encontrou nas famílias operárias objeto de seu estudo, Cícera atribui ao marido a responsabilidade pela situação da família, acusa-o de não cuidar dos filhos, de não lhe dar atenção e de não ajudá-la a criá-los, tornando-o depositário da culpa, enquanto se apresenta como boa mãe, boa dona de casa e como aquela que redimirá a todos no dia em que puder sair para trabalhar. Neste contexto, exerce seu papel de mãe com muita ambigüidade: ao mesmo tempo em que ama seus filhos e inegavelmente é dedicada a eles, sonha com o dia em que poderá trabalhar fora e livrar-se do trabalho doméstico, que sente pesado e corrosivo; ao referir-se à vida em São Paulo, diz: "A vida continua muito difícil... é só trabalho." É em torno de um trabalho doméstico exigente, que não termina nunca, e do desgaste que ele traz, que seu cotidiano e seu discurso se estruturam:

"Vim para São Paulo com 17 anos, era jovem, bonita, bem tratada, e agora estou acabada, cheia de filhos..."

O peso que os filhos representam surge pouco depois: "A gente não pode se acabar por causa dos filhos..."

Em meio às dificuldades do presente, as condições de vida no

passado tornam-se objeto de nostalgia; Cícera lembra-se emocionada de sua infância difícil mas aconchegada no seio da família, onde seu pai desponta como uma figura carinhosa que não encontra no marido. O desejo de voltar para o norte, nem que seja por uns tempos, é explícito, como se nesta volta pudesse resgatar o passado idealizado e fazer uma pausa que a realmente para a vida desenraizada e solitária que leva em São Paulo, onde constatou que "o casamento não resolve, até mesmo complica", como as mulheres de Vila Helena, ouvidas por Sylvia Leser de Mello. Como culpa o marido pela sua vida de labuta, as queixas referentes à qualidade da vida que leva comparecem em seu discurso atadas às queixas em relação a ele:

"Não agüento mais, ele só quer estar pelo mundo e eu fico em casa feito uma escrava cozinhando, lavando, cuidando de menino e de marido... Qualquer dia vou-me embora e deixo tudo aí com ele... ou então levo comigo."

"Assim só pondo comida em casa, não dá não. Tem mulher que se contenta com isso, mas eu não. Criado assim, só dando comida, é bicho bruto."

"Quando a pessoa com quem a gente casa não dá amor, carinho, não liga pra gente, a gente vai se desgostando, criando ódio, até que não fica mais com ela."

"O problema do Zezinho é que ele casou mas vive vida de solteiro, trabalhando e andando pelo mundo."

"Não gosto de como está a minha vida e se eu soubesse que ia ser assim não tinha me casado com meu marido."

"Se eu fosse solteira, ia trabalhar e arrumar minha vida."

Mas a insatisfação certamente não é só de Cícera. José também sonha com uma vida melhor; além de referir-se explicitamente a isto quando fala sobre a escola e o futuro, expressa seu sentimento de frustração e insatisfação com a vida num dos raros dias em que esteve em casa durante os dois meses que a freqüentamos: o sol começara a aparecer após muitos dias de chuva e Michel mostra-se inquieto. José diz que o filho "quer sair, para ir atrás do sol" mas rapidamente este desaparece; ele pega o filho pelos braços, leva-o para fora de casa e diz: "Olha, galego, não tem sol", como se falasse consigo mesmo.

Restrita à vida doméstica e ao Jardim, de onde raramente sai, Cícera orienta-se por uma visão distorcida dos determinantes da vida numa sociedade de classes. Acredita que trabalhando poderia juntar o dinheiro para comprar um grande terreno onde construiria casas para alugar. A pobreza é percebida como fruto do fracasso pes-

soal, de incapacidades individuais, de preguiça, de falta de determinação:

"Os tempos são difícil mas quem fica desempregado é quem não gosta de trabalho, falta muito ou não faz o serviço direito."

"Cada um tem seu papel, o professor tem que ensinar e os pais têm que educar, vestir, calçar. Se tem criança passando fome, sem ter o que comer, ninguém tem culpa, não, os pais é que têm que cuidar disso."

Em meio à insatisfação com seu cotidiano, às queixas em relação ao marido, à fantasia de que com seu trabalho remunerado superará a condição de pobreza e a uma visão ingênua de mundo, Cícera exerce com ambivalência seu papel de mãe; acreditando-se sempre na iminência de realizar o desejo de trabalho remunerado fora de casa, estabelece com sua filha mais velha uma relação na qual ambas são ao mesmo tempo filha e mãe. De um lado, preocupa-se com o futuro de Ângela e deseja que ela estude, de outro quer que ela assuma os cuidados com os irmãos e com a casa para que possa concretizar o sonho de redenção da família através de seu trabalho. Embora declare, por ocasião da entrevista na escola, que a filha "não precisa ficar em casa ajudando, eu não exploro ela no serviço" (e certamente o afirma porque já houve cobrança das educadoras neste sentido), a convivência permitiu-nos captar a natureza de sua relação com a filha: ao mesmo tempo que deseja que ela estude — porque, sendo analfabeta, valoriza a capacidade de ler e escrever como condição para viver numa cidade como São Paulo ("essas crianças precisa estudar, não é? Pessoa que não tem leitura em São Paulo passa um pouco de fraqueza; eu mesmo não estudei nada e não sei sair de casa porque não sei ler os ônibus") — solicita-a muito nos trabalhos domésticos, delega-lhe responsabilidades e deseja que ela as assuma. Numa das conversas com a pesquisadora, Cícera comete um ato falho que confirma nossa impressão de confusão de papéis; ao dirigir-se a Ângela para repreendê-la, diz: "ainda sou sua filha..."; ao perceber o equívoco, pára e corrige: "Eu ainda sou sua mãe e você é minha filha..." Antes mesmo de qualquer contato com Ângela e com sua família, uma das pesquisadoras já anotava, após uma entrevista com Cícera realizada na escola: "Percebi uma certa inversão de papéis: Ângela é a dona da casa e Cícera aquela que ainda espera um dia poder aprender a ler entrando no Mobral."

A família mora numa casa pequena de quarto, cozinha e banheiro. Todos dormem no mesmo cômodo da frente: os pais numa cama de casal, para onde trazem o filho mais novo nas noites mais frias, e as quatro crianças maiores num beliche. Trata-se, na verdade, de um quarto que cumpre também as funções de sala; é aí que

recebem as visitas, assistem TV e permanecem quando estão em casa. Na ausência de sofás, as camas são usadas como assento; mais do que isto, as crianças brincam e até mesmo comem sobre as camas: é a "sala que vira quarto, o quarto que vira cozinha, a cama que vira cadeira e onde não há um cantinho estável que não seja abalado pelas necessidades do dia e da noite", segundo Ecléa Bosi (1979). Toda a casa tem um aspecto "entulhado" pela exigüidade do espaço que mal consegue abrigar os pertences da família. Geralmente há panelas com sobras de comida sobre o fogão; apesar dos esforços de Ângela e de Cícera para manter a casa limpa e arrumada, isto se torna difícil não só pela precariedade da construção e pela falta de espaço, como também pelo aspecto dos móveis, velhos e dispostos sem harmonia. Quando Ângela tenta tornar a casa mais bonita colocando uma toalha ou um vasinho sobre a mesa, Cícera diz: "*Não adianta, é casa de pobre e casa de pobre é feia.*"

Como filha mais velha, cabe a Ângela ajudar a mãe nos afazeres domésticos: lava a louça, faxina, cuida dos irmãos, às vezes cozinha e lava a roupa, tudo com muita competência e seriedade. Preocupa-se com o bebê que está para nascer, quer providenciar as mamadeiras, cuidando para que tudo esteja pronto quando ele chegar. Quando a observamos em suas tarefas domésticas, temos a impressão de que estamos diante de uma pequena adulta. Segundo sua mãe,

"Pela idade, vai ficar muito boa dona de casa quando crescer, pois fica só em casa, calada, arruma tudo, o armário, é a dona de casa. Antes de sair para a escola, arruma os irmãos, põe a roupa que cada um vai usar na cadeira. Parece uma velha, pede que eu não deixe que os meninos mexam no que ela arrumou."

Sobrecarregada desde cedo com os trabalhos domésticos, Ângela praticamente não brincou; primeira de uma série de filhos, recebeu muito pouca atenção individualizada dos adultos; objeto do desejo ambíguo de sua mãe de que se escolarize e permaneça em casa, ficou confusa quanto ao seu lugar no grupo familiar; foi com estas carências e esta confusão que começou sua experiência escolar primária em 1982. Sobre o comportamento de Ângela neste início de frequência à escola, Neide informa:

"Esta aqui é um negócio. Tem bastante criança na família. Ela é a mais velha. Não acompanha. Só queria brincar de boneca no ano passado, ela e a Daise (...) viviam abraçadas, com bonecas e bolsinhas pelos corredores. Acho que era problema de maturidade. A mãe é destas nordestas bem... ignorantes, não sei... Em casa, não fazem nada para ajudar, a mãe não incentiva muito. O pai e a mãe são novinhos. A mãe diz que a filha não quer saber de nada."

Tendo em vista a natureza das atividades e das relações escolares nesta escola, suas necessidades de exercer a fantasia através do lúdico e de receber atenção foram mais uma vez frustradas. Mais que isso, a experiência escolar resultou numa indisponibilidade para aprender, pelo menos nos termos propostos pela escola, e ajudou-a a resolver uma possível ambivalência frente à tarefa de estudar.

Orientadas por uma psicologia educacional instrumental que tradicionalmente administra a improdutividade da escola desviando a atenção de todos para o aprendiz, como se sua maneira de ser na escola fosse um "em si" anterior e exterior ao que se passa no processo de ensino, Neide fala em "imaturidade" e em "desinteresse dos pais"; Marta, de um modo ainda mais arbitrário e simplista, atribui-lhe uma "deficiência mental" e Maria José, ao saber que daríamos início ao "estudo de caso", informa-nos que teríamos "um prato cheio, pois a mãe é completamente paranóica". Foi assim que Ângela nos foi apresentada durante o ano de 1983, quando cursava pela segunda vez a primeira série numa classe de "repetentes fracos" na qual estava destinada, desde o início do ano, a estagnar. A primeira vez que a vimos, em maio de 1983, quando do início da observação em sala de aula, Neide vai chamando várias crianças que devem levantar a mão para que possamos conhecer as treze que, segundo ela, seriam reprovadas mais uma vez, por não terem condições pessoais de aprendizagem de um mínimo que justifique sua promoção. No final deste dia, Neide diz à pesquisadora que só permitiu sua presença em classe porque já está "cansada de encaminhar crianças para a psicóloga pra fazer testes e nunca receber os resultados" e então achou que valia a pena tentar, apesar de não acreditar "que exista algum modo de fazer estas crianças passar de ano".

O rótulo e o estigma atingiram Ângela muito cedo em sua vida escolar. Após cursar o pré-primário no próprio bairro, foi matriculada na primeira série na escola do Jardim em 1982, aos sete anos de idade. Avaliada quanto às possibilidades de aprendizagem, foi considerada não-pronta e colocada numa classe da qual não se esperava muito em termos de rendimento; previsivelmente, foi reprovada. Se a esta avaliação, sempre passível de suspeição, acrescentarmos a expectativa que ela gerou nas educadoras, reforçada pelo preconceito que alimentam em relação aos moradores do bairro, e a qualidade que as atividades de preparação para a alfabetização geralmente têm na rede — uma repetição interminável de exercícios e perguntas descontextuadas e até mesmo absurdas sobre localização espacial e temporal, partes do corpo, noção de tamanho etc., tão bem criticados por Caglari (1985) — podemos começar a detectar as raízes escolares de seu comportamento escolar.

Os rótulos disseminam-se rapidamente na escola. Tema frequen-

te entre as professoras, os "melhores" e os "piores" alunos tornam-se assunto de domínio público e por esta via perpetuam-se como "competentes" e "incompetentes". A prática comum entre as professoras de fazer comentários negativos sobre as crianças diante de quem quer que seja, incluindo a própria criança, é uma das principais responsáveis pela estigmatização de que muitas são vítimas, entre elas Ângela. Foi assim que ela perdeu sua melhor amiga e ficou condenada a uma solidão no grupo que aumentou seu alheamento; a este respeito, Neide relata:

"Este ano separei as duas (Daise e Ângela); Daise deu o estalo, Ângela estacionou. Daise bateu na Ângela e disse: 'Não quero mais saber de amiga burra! E eram 'Cosme e Damião!'"

Além de ter integrado uma classe considerada pouco capaz em 1982 e de ser condenada a uma classe de "repetentes fracos" em 1983, durante este mesmo ano Ângela participa involuntariamente de uma experiência que Neide insiste em anunciar em classe como destinada aos "mais fraquinhos": trata-se do projeto de "escola em tempo integral" idealizado pela diretora, no qual crianças consideradas fracas foram agrupadas e, num outro período, "re-forçadas" por uma outra professora (Grace) que, segundo a avaliação da assistente pedagógica, rejeitou o grupo. Para Neide, o resultado foi catastrófico:

"Ângela foi para o projeto. Voltou ontem, ficou com uma apatia em classe, não fez nada, nada. Desaprendeu."

Seu comportamento em sala de aula não sugere qualquer tipo de deficiência mental; seu desempenho não difere do da maioria de seus colegas, muitos dos quais foram aprovados: responde como pode a solicitações que carecem de significado, não entende explicações muitas vezes incompreensíveis, revela capacidade num curto período no qual é objeto da atenção e da simpatia da professora, para voltar a procurar a janela como possibilidade de "fuga" de uma situação mortificante, radicalizando, assim, o próprio comportamento valorizado pelas educadoras: a passividade.

Da perspectiva de Cícera, Ângela foi reprovada pela primeira vez porque não teve "oportunidade" de aprender, devido às faltas que deu por preferir ficar em casa ajudando. Ela afirma que a filha "não tem amor na escola", "não gosta de estudar", uma versão que as próprias educadoras veiculam porque as dispensa de autocrítica. Mas Cícera não está inteiramente convencida disso: ela, como tantas outras mães entrevistadas, também revela perplexidade diante do fracasso escolar da filha; embora disponha de uma explicação que usa para fins externos e também para atribuir significado a um fato que não consegue entender, levanta, durante a entrevista, vá-

rias hipóteses, após dizer claramente: "*Não sei por que repetiu.*" Ora aponta o desgosto pela escola e o gosto pelos trabalhos domésticos, ora refere-se à constituição física de Ângela ("*Ela é pequena para a idade mas é esperta, a família do pai é toda baixinha*"), ora suspeita que sua memória pode estar fraca porque ela se recusa a comer antes de ir para a escola, ora imagina que seus desentendimentos com o marido podem preocupá-la. Além disso, durante a primeira entrevista, ainda na escola, Cícera nos conta que "*a professora disse que não entra nada dentro da cabeça dela*" e pergunta-nos se achamos que a menina tem algum problema, do qual, no íntimo, duvida:

"Lá em casa todo mundo é trabalhador, ela também é trabalhadora, quem sabe fica preocupada com as crianças em casa..."

Mas uma coisa fica nítida durante o contato com os pais de Ângela: ambos vivem com ansiedade e dúvida sobre se ela seria portadora de "algum problema", o que se agravou a partir do momento que a escola a encaminhou para um psicólogo. A imagem escolar da filha invade a família, embora não o suficiente para convencê-la da necessidade de executar o pedido da escola. Mas a palavra da autoridade vem, sem dúvida, desempenhar vários papéis: reforça o desejo da mãe de que a filha assuma a casa, confirma a impressão de ambos de que a vocação de Ângela é doméstica e de que ela "não gosta da escola", e ajuda Ângela a "resolver" seu conflito entre ser "mãe" ou "filha", "adulta" ou "criança", "aluna" ou "doméstica".

Analfabetos, José e Cícera vêm na escola a única oportunidade de que seus filhos terão de melhorar suas condições de vida: "*Essa é a oportunidade dela melhorar porque o pai não vai poder dar nada pra ela.*" Ao se referir ao seu próprio analfabetismo durante a entrevista inicial, Cícera emociona-se e pede desculpas à entrevistadora por "não saber falar direito". Cursar o Mohral, escolarizar-se, faz parte de seus sonhos. Num plano intersubjetivo, faz sentido pensar na ambivalência que pode instalar-se nas relações dos pais com seus filhos no momento em que estes começam a realizar um desejo insatisfeito daqueles: expectativa de sucesso e inveja podem coexistir e levar a criança a viver simultaneamente o peso da responsabilidade de realizar o que seus pais não realizaram, da culpa de estar tendo a oportunidade que foi negada a seus pais, do temor de perdê-los por isso e de traí-los ao tornar-se diferente.¹

(1) Estas hipóteses a respeito da experiência escolar das crianças pobres foram formuladas há mais de dez anos quando um grupo de profissionais argentinos se propôs a desenvolver um projeto de psiquiatria preventiva junto a uma população favelada em vias de erradicação. Quanto à relação das crianças com os pais no tocante à aprendizagem, estes autores afirmavam: "Numa população na qual a escolaridade média geralmente é de terceira série primária, dificilmente as crian-

A natureza da relação entre Cícera e Ângela sugere a possibilidade da presença das fantasias, angústias e defesas a que esses autores se referem. Porém, além da necessidade de investigar essa versão com mais detalhe, ela não pode ser tomada como explicação suficiente do fracasso escolar de Ângela, o que implicaria uma redução psicologizante na abordagem da questão, a qual repetiria os equívocos do raciocínio tradicional quando aplicado à questão do rendimento escolar.

Mesmo no caso de identificação de uma psicodinâmica familiar dificultadora do bom rendimento escolar, não se pode entender o comportamento escolar de uma criança sem levar conta a maneira como a escola se relaciona com sua subjetividade. Não basta dizer que a criança vem para a escola presa de angústias predominantemente esquizo-paranóides ou depressivas decorrentes das relações familiares que se estabelecem na pobreza. Mesmo nos casos em que isto for demonstrável, é preciso levar em conta a natureza da experiência escolar e suas relações com os temores com os quais a criança pode ter chegado à escola; estas experiências certamente consolidam e aumentam tais temores ou colaboram para sua elaboração e superação.

Ângela defrontou-se com o preconceito, a discriminação, o estigma e um ensino de má qualidade, o que inevitavelmente a leva a evitar a escola e a aprendizagem escolar e a dar impressão de que "não tem amor na escola". Aliás, através de uma mudança nas regras gramaticais oficiais, Cícera acaba dizendo a verdade sobre a experiência escolar de Ângela: por não ter amor *na* escola, não pode ter amor *à* escola. Não basta, portanto, dizer que estas crianças "possuem muito medo do que vem da sociedade, o que dá lugar a condutas reativas" e que "outra dificuldade, a nível familiar, é a identificação com figuras paternas muito autoritárias, em muitos casos com

ças podem ultrapassar o grau de instrução dos pais. A sabotagem à frequência à escola, consciente ou inconscientemente, é geral. Num jardim de infância situado num dos bairros, no momento em que se consegue algumas melhoras no atendimento das crianças, como a contratação de várias pajens, a modificação do regime alimentar, a aquisição de brinquedos etc., as mães começam a fazer queixas do serviço, afirmando que as pajens gritam com as crianças, não lhes dão de comer, etc. A interpretação que se fez desta situação — não-verbalizada — foi que estes cuidados despertavam a inveja das mães, pois estas haviam sido muito carentes em sua própria infância. Este mecanismo se repete em relação à escolaridade e suas realizações (...) Os pais percebem a escola primária como uma instituição que admite normas e estilos diferentes e nesta medida podem, ao perceber que o filho pertence a esta instituição, sentir que podem perdê-lo. Frente a isso, respondem com condutas que podem ser interpretadas como verdadeira sabotagem à continuidade de sua frequência à escola, o que também pode ser explicado como um ataque invejoso à criança pelo fato de ela poder continuar a aprendizagem que nos pais ficou inconclusa." (Harari, 1974)

características castradoras e sádicas que são projetadas nos educadores", como afirma a equipe argentina. As observações que realizamos na escola revelam que os educadores muitas vezes tomam atitudes realmente castradoras e sádicas, o que pode confirmar as fantasias de alguns de seus alunos, mergulhando-os num mundo de perseguição real.

As reações de Ângela, quando do primeiro contato com a pesquisadora em sua casa, falam eloqüentemente do caráter perseguidor que os educadores podem assumir junto a essas crianças. Quando de sua chegada, os pais, que já sabiam de sua vinda, a esperam na porta. Quando esta se refere ao interesse em conhecer melhor algumas crianças repetentes, o pai começa a falar sobre o "problema" de Ângela, embora esta palavra não tenha sido usada pela pesquisadora em nenhum momento; segundo ele, o problema dela é gostar de cuidar da casa e só se preocupar com isto. À medida que ele e Cícera falam vão-se revelando sua preocupação com suas sucessivas repetências da filha, a decepção que ela lhes causa, suas dúvidas sobre sua capacidade intelectual (principalmente Cícera revela este tipo de preocupação: "*Não sei se ela é muito esperta, não sei se tem boa memória...*"). De qualquer forma, entendem que a pesquisadora está ali para descobrir o *problema* de Ângela e resolvê-lo.

Enquanto isto, Ângela lava louça num tanque fora da casa; tão logo entra, o pai manda que "cumprimente a moça". Perguntada sobre o que imagina que a pesquisadora está fazendo ali, diz que é para ajudá-la a "aprender a ler e escrever e passar de ano". Após esclarecimentos da pesquisadora sobre sua intenção de conhecer melhor algumas crianças que haviam sido reprovadas, Ângela pega a cartilha (a cartilha Sodré, adotada em sua classe) e começa espontaneamente a ler, desde a primeira página. Lê rapidamente, atropelando as palavras, com visível ansiedade, como se precisasse provar sua capacidade, como se a pesquisadora fosse uma professora que tivesse invadido sua casa para "tomar a lição", para avaliá-la para fins que certamente a ameaçam. Nem mesmo as tentativas da pesquisadora de tranquilizá-la e um tombo do irmão mais novo que mobiliza a todos a dissuadem de continuar a ler compulsivamente (rapidamente constatamos que Ângela na verdade não lê, mas repete, com maior ou menor precisão, frases que decorou). Num desenhinho que faz um pouco mais tarde, nesse mesmo dia, super-heróis povoam a folha de papel, entre os quais se destaca a "Mulher Maravilha", fantasia de poder, tentativa de negar o sentimento de impotência traído pelo desenho sintomático de braços desproporcionalmente curtos.

Nesta primeira visita, os pais expressam a desconfiança que a presença de uma autoridade lhes desperta, não através de perguntas que explicitem suas dúvidas, mas indiretamente, trazendo para

a conversa o medo que possuem de assaltantes e ladrões. Revelam também um sentimento de inferioridade e uma postura submissa que se expressam pela manifestação freqüente do desejo de aprovação da pesquisadora. Ao mesmo tempo que se sente perseguida com a presença de uma estranha que identifica com uma professora, Ângela manifesta sua esperança de ser ajudada a tornar-se competente. Esta será a marca de sua relação com a pesquisadora até o momento em que, gradativamente, e através da presença desta em suas atividades domésticas e lúdicas (e estas últimas, cada vez mais freqüentes à medida que as visitas continuam), passa a considerá-la amiga e confidente. Isto só foi possível depois que Ângela superou uma fantasia, claramente explicitada num dos primeiros encontros, de que a pesquisadora iria mandá-la ao médico como mandaria, segundo suas próprias palavras, "todas as crianças que está muito doente e não sabe ler e escrever". A medicalização do fracasso escolar, tão cara aos educadores, transborda portanto os muros da escola e atinge em cheio não só os pais como as próprias crianças.

As repercussões da experiência escolar se fazem sentir também na maneira como Ângela se relaciona com suas próprias produções; além de evitar escrever e desenhar, Ângela, quando o faz, via de regra deprecia o resultado ou precisa de alguém que a reassegure de sua boa qualidade. Embora não possamos afirmar que a escola é responsável por esta atitude dominante em Ângela, podemos dizer com certeza que no ambiente escolar ela teve confirmada suas fantasias de estrago, também presentes, em maior ou menor grau, em outros membros da família, incluindo Cícera, que a expressa repetidas vezes; afinal, a presença da pesquisadora e o contraste que sua figura jovem e bem tratada faz com o grupo familiar acirra os sentimentos de desvalor e inadequação de que são portadores como membros de uma classe social desvalorizada.

Pequena para sua idade (quase dez anos por ocasião das visitas domiciliares), sem ser franzina, Ângela tem a pele clara, olhos castanhos e cabelos lisos e longos, sempre soltos e muitas vezes a serviço da ocultação de seu rosto. Inicialmente calada, desconfiada e tensa, aos poucos, mas sempre com muita cautela, vai-se soltando, começa a brincar descontraidamente, ri e conversa; é então que se revela uma outra criança, cheia de vida, curiosa, esperta e observadora. A maneira precisa como realiza trabalhos domésticos, a forma coordenada e harmoniosa como canta e dança, o equilíbrio e agilidade com que sobe na laje da casa, a propriedade com que expressa suas idéias e o grau de detalhe com que evoca as histórias que lê com a pesquisadora e as ilustrações que as acompanham, afastam qualquer possibilidade de se tratar de um quadro de distúrbio de atenção ou de psicomotricidade, de "deficiência de linguagem", de "imaturidade emocional" e muito menos de "deficiência mental".

À medida que a desconfiança inicial é superada, surge em todos os membros da família (exceto o pai, quase sempre ausente) uma relação com a pesquisadora na qual esta comparece muito idealizada, "mãe boa" inesgotável e disputada; todos, incluindo Cícera, querem atenção e reconhecimento. Somente as crianças menores, ainda sem experiência escolar, manifestam abertamente sua insatisfação quando frustradas nesse desejo; durante um tempo, a pesquisadora é recebida a pedradas pelos irmãos menores de Ângela, que expressam verbal e explicitamente o desejo de serem seus filhos. A mesma desinibição que estas crianças revelam nas relações pessoais, revelam também em atividades lúdicas e em atividades que envolvam lápis e papel: são mais espontâneas e criativas, ao contrário dos que já passaram pela escola, sobretudo Ângela que durante todo o período de convivência com a pesquisadora, recusou-se a escrever e raramente se propôs a desenhar.

Cícera, em especial, tenta satisfazer nesse contato sua necessidade de um interlocutor com quem possa dividir suas angústias, falar, ser ouvida e obter esclarecimentos. Em alguns momentos, chega a competir com as crianças pela atenção da pesquisadora; isto ocorre de modo mais claro e intenso quando esta dá informações sobre sexo às crianças. Ao mesmo tempo em que se mostra contrariada com o fato de os filhos terem recebido informações sobre um tema que ela considera proibido, sente-se excluída e confessa que ela também não sabe como são "as coisas", pois só teve uma "palestra" com um médico. Além disso, mais de uma vez revela sutil e disfarçadamente seu desejo de participar das atividades que a pesquisadora desenvolve com as crianças; por exemplo, num momento em que esta lê um livro de histórias, Cícera consegue garantir sua presença no grupo alegando que o filho menor (de um ano de idade) também deseja integrá-lo, embora seja visível que ele atrapalha: "*Não adianta pôr ele longe porque ele quer ficar junto*", diz ela quando Ângela se levanta para afastá-lo.

Embora tenha durante muitos dias se recusado a qualquer atividade que tivesse alguma relação com a escola, Ângela acaba revelando a maneira como a vê: em seu desenho de uma sala de aula, uma professora fala para uma classe sem alunos, para carteiras vazias; ao "brincar de escolinha", quer ser a professora e faz da irmã menor e da pesquisadora suas alunas. Ao assumir o papel de professora, fica em pé, com o corpo retesado, o nariz para o alto e diz que vai "*gritar o ditado*". Começa a ditar uma série de palavras, com voz pausada, e repete as sílabas, imitando uma professora. Quando a pesquisadora comenta algo com Rosângela, é severamente repreendida: "*Dona Denise, pára de conversar e presta atenção no ditado! Hora de ditado é hora de ditado, hora de conversa é hora de conversa!*" Fala alto, com as mãos na cintura. Durante o

ditado, que dura cerca de dez minutos, avisa: "Só falta quatro palavras, crianças." De posse de uma caneta vermelha, afasta-se para corrigir o ditado da pesquisadora; volta depois de algum tempo e diz: "Dona Denise, você errou cinco palavras, não tem vergonha nesta careta, não? Não falei pra você não escrever com azul?" Separa o ditado em duas partes e numa delas tenta escrever "parabéns" e na outra coloca uma nota 4 e diz: "Você fez uma parte da lição boa e outra ruim. Vai pra diretoria, viu? E sem preguiça." A seguir, pega a pasta e a bolsa da pesquisadora e vai ela mesma para a diretoria, pedindo ao irmão (que acaba de chegar) e à pesquisadora que tomem conta da classe. Quando volta, pergunta se a classe fez bagunça. Quer, então, passar uma lição de matemática. Ao perceber que o papel está irregular quer endireitá-lo, cortando-o com a régua; diante de sua dificuldade a pesquisadora oferece ajuda, porém ela recusa: "Eu sei fazer, eu sou a professora!" Mas acaba aceitando-a e assim que a pesquisadora acaba de cortar, retoma seu lugar de autoridade e diz, em voz professoral: "Muito bem, Denise." Enquanto passa contas para seu "alunos", vai-se queixando: "Os alunos dão muito trabalho, estou muito cansada, já trabalhei muito."

Numa das três vezes em que se dispôs a desenhar, Ângela cobre a folha de utensílios domésticos; ao final, desenha uma empregada e diz: "Eu sou a empregada da casa." Desenha, então, uma escada que conduz à parte superior da casa onde se encontra o "quarto do patrão; ele está no quarto, vigiando a empregada". Durante muitos encontros, Ângela tenta conquistar a pesquisadora mostrando competência nos afazeres domésticos; concentrada, lava a louça enquanto esta a espera para conversarem ou fazerem algo juntas. Sabe que esta é a expectativa de sua mãe e em certa medida também de seu pai. Ao ocupar o lugar da mãe provavelmente é presa de fantasias desconfortáveis, o que, paradoxalmente, pode levá-la a continuar nele, numa tentativa de ajudá-la e, assim, reparar os danos que imagina possa estar lhe causando; sabe também que tem competência nesta área, ao contrário do que ocorre nas atividades escolares. Por isso, não é de surpreender que na sala de aula — lugar no qual é depositária da incompetência — termine um dos dias letivos limpando compulsivamente o chão, com rapidez e eficiência, imune às recriminações da professora e ao riso dos colegas.

O contato com um adulto que não a vê pelo ângulo estreito dos rótulos e que pode conter suas angústias faz com que Ângela descubra o prazer de brincar e expresse mais livremente suas fantasias e inclinações. As questões relativas à sexualidade logo se revelam prioritárias: freqüentemente elas vêm à tona, inicialmente de forma simbólica ou distanciada ("os meninos gostam de tirar a calcinha das meninas"; "tem meninas que deixam" etc.), depois sob

a forma de perguntas diretas sobre relações sexuais e nascimento de bebês.

O convívio com a família permite à pesquisadora perceber que embora sexo seja um assunto tabu, sobre o qual nunca se fala e cuja manifestação pelas crianças é reprimida e punida, é impossível aos pais preservar sua intimidade; todos dormem no mesmo quarto (que também serve de sala) e a casa carece de portas internas. Institui-se, assim, uma dupla mensagem da qual as crianças não saem ilestras. Ângela consegue, de um modo sutil e inteligente, falar sobre esta convivência com a sexualidade dos pais, ao contar à pesquisadora que à noite finge que está dormindo e assiste, "por baixo do cobertor", filmes de sexo na TV que seus pais vêem porque pensam que ela está dormindo. À medida que a confiança na pesquisadora aumenta, Ângela vai fazendo-a sua confidente, até levá-la para um lugar da casa que é só seu (um local de difícil acesso sobre a laje que, na ausência de um andar superior, funciona como telhado) para que tenham "conversa de mulher" da qual não quer que os irmãos participem. Numa outra oportunidade, faz perguntas sobre relações sexuais e a origem dos bebês; ouve com concentração as explicações da pesquisadora, pede detalhes e quer que certas passagens sejam repetidas. Satisfeita sua curiosidade, põe-se de pé na calçada, abre os braços e grita, radiante: "Agora eu sei tudo!" A partir daí, ao passear pelas ruas do bairro, começa a fazer muitas perguntas sobre como várias coisas que vai encontrando funcionam ou são feitas.

Em circunstâncias de vida que propiciam de um lado uma convivência mais próxima com as relações sexuais dos pais e de outro um tratamento preconceituoso das questões relativas à sexualidade, a *educação sexual* na escola poderia desempenhar um importante papel. No entanto, o que existe na escola são educadores geralmente despreparados para lidar com esta dimensão da vida e prontos a tomar cada manifestação da sexualidade de seus alunos como uma prova da imoralidade e da promiscuidade que a seu ver caracterizam as famílias pobres.

De uma criança tensa e integralmente dedicada aos cuidados com a casa e com o irmão mais novo, Ângela transforma-se, ao longo do estudo, numa criança mais descontraída que aos poucos descobre o prazer do lúdico e começa a se diferenciar da mãe, o que torna as relações entre elas muitas vezes tensas. À medida que Ângela quer devolver à mãe o que lhe pertence, Cícera vai-se mostrando cada vez mais insatisfeita, pois tem que assumir uma maior quantidade de trabalho doméstico, contrariamente ao seu desejo de delegá-lo a Ângela para poder realizar o sonho de, lançando-se no mundo, libertar-se e libertar os filhos das agruras da pobreza.

Na entrevista devolutiva, no final de 1984, o pai registra que Ângela "pegou gosto pelo estudo" e que afinal passará para a se-

gunda série. Para isto contribui o fato de termos levado para a escola uma outra imagem de Ângela, a partir da convivência no estudo de caso. Pelo menos temporariamente, as educadoras não se sentem à vontade para continuar afirmando a incapacidade desta aluna, abrindo-se, assim, a possibilidade de vê-la com outros olhos. Ao falar sobre Ângela, sua professora nesse ano a considera ainda "um pouco presa, contida" mas informa que seus olhos, "brilham de interesse" a cada explicação nova. Informa-nos ainda que Ângela causou-lhe boa impressão, foi uma boa aluna, acompanhou sem maiores dificuldades as aulas; embora de início não falasse com ninguém e se mostrasse uma criança tímida e isolada em classe, superou esta postura a partir do final do primeiro semestre quando, progressivamente, aproximou-se das outras crianças. Um comportamento seu que chama a atenção desta professora é o pedido de nova explicação sempre que não entende algo. É importante ressaltar que esta professora é nova na escola e discorda da orientação segundo a qual deveria apenas preparar esta classe para a alfabetização no ano seguinte; por "não trabalhar deste modo", propôs-se a alfabetizá-los, o que só não conseguiu com quatro crianças, entre as quais não se encontra Ângela. Foi, portanto, por obra do acaso que Ângela escapou de mais um ano letivo no qual continuaria a ser considerada incapaz de aprender a ler e escrever, a ser submetida a atividades sem interesse e novamente reprovada, o que poderia ter encerrado na 1ª série sua história de escolarização.

Nas entrevistas finais, os pais falam da falta de ajuda da escola na aquisição do material escolar; embora tenham recebido da diretora dois agasalhos no ano anterior, consideram esta ajuda insuficiente, pois muitas vezes não têm recursos para adquirir o material exigido. Cícera discorda do marido de que a escola tem obrigação de fornecer o material; segundo ela, esta garantia só deve ser oferecida aos mais pobres, entre os quais não se inclui porque possui casa própria. Além disso, afirma não querer nada da diretora, num tom que sugere algum problema pessoal de relacionamento. Ambos concordam, contudo, que nada deve ser feito para cobrar da escola o que, para José, é um dever da instituição; ambos limitam-se a queixar-se e a lamentar a falta de recursos para financiar o estudo dos filhos, cuja valorização passa sobretudo pela aprendizagem da leitura e da escrita, como sugere Cícera quando, ao entrar em contato com a letra da pesquisadora, diz para Ângela: "Se você tivesse essa letra, a gente tava rico..."

No início de 1985, Ângela foi submetida, na própria escola, a um exame psicológico realizado por uma psicóloga integrante da equipe de uma das clínicas da Prefeitura. O laudo foi redigido nos seguintes termos:

Resultados Gerais

a) Inteligência

Em relação aos seus resultados intelectuais obteve: QIV = 66; QIE = 64; QIT = 62.

A criança apresenta um nível de inteligência, segundo tabela do teste, abaixo da faixa média de normalidade, o mesmo ocorrendo com seus resultados verbais e de execução. Tais resultados são relativos, dado que as tabelas se referem a uma população diferente daquela na qual a criança está inserida.

Revelou, em termos verbais, alguma capacidade em julgar situações práticas que lhe são impostas; em abstrair e generalizar conceitos (este sendo fator G) e dificuldade em reter conceitos, manter atenção concentrada, memória auditiva e imediata estruturação temporal.

Frente aos subtestes de execução, apresentou alguma capacidade para análise e síntese e dificuldade em perceber minúcias, detalhes em atividades que exijam rapidez e precisão.

Estes resultados estão vinculados a uma grande dispersão e agitação da criança frente à atividade, não conseguindo se manter concentrada por muito tempo, o que está coerente com os resultados obtidos, tendo maior dificuldade em atividades que exigem atenção maior. Supõe-se que esta agitação é proveniente de algo interno; de conflitos a nível emocional e não de uma deficiência propriamente dita.

b) Motor

Seus resultados encontram-se na média 26 (QI = 22 e Q3 = 30) correspondente à idade de seis anos, revelando assim, grande dificuldade perceptiva-motora; dificuldade em organizar espacialmente, não havendo integração entre as partes. Estes dados, porém, estão vinculados a uma dispersão constante durante o teste, refletindo alguma agitação interna. Apresenta autocrítica muito acentuada e um grande medo de errar.

c) Personalidade

Trata-se de criança que vivencia um conflito muito intenso, o qual não lhe permite integrar internamente suas condições físicas e psíquicas com sua experiência vivida; com o papel que desempenha, principalmente dentro do contexto familiar. Tal papel exige além do que é esperado para sua idade e dos recursos de que dispõe. Há uma "sobrecarga" intensa sendo Ângela o protótipo da dona-de-casa com muitos encargos a cumprir (ver a descrição do dia da criança). Tem a fantasia de que possa ocupar o lugar da mãe, havendo uma mistura de papéis, sem diferencia-

ção entre eles. Vê-se como muito parecida com ela. A figura paterna surge como alguém frágil, velho, acabado, com quem não pode contar.

Ângela "executa" tarefas de uma maneira robotizada, sem que estejam introjetadas, sem que haja um referencial internalizado; estas ultrapassando as condições de Ângela e as funções de uma criança de sua idade. Com isto, sente-se cansada, insegura e confusa quanto aos aspectos de sua própria identidade. É uma criança muito carente afetivamente, precisando de um espaço para colocar seus desejos internos e seus medos. Suas trocas afetivas são ruins, chegando a sentir culpa por querer afeto.

Encontra-se no momento, muito perseguida; seus desejos mais profundos ficam escondidos por um medo de ser descoberta e não corresponder àquilo que é esperado. Assim, funciona com o discurso do outro; utiliza-se de frases da mãe, trazendo o desejo desta sem conseguir abordar o seu próprio desejo. O "bom" fica determinado pelo outro (no caso, mãe), que a leva a perder de vista seus próprios recursos, necessidades, bem como sua identidade.

Todos estes aspectos estão em turbulência internamente e Ângela sente-os como insuportáveis, havendo uma vontade de se livrar deste peso e poder se desenvolver, respeitando seus limites, porém não encontra um espaço para que isto ocorra. É uma criança ansiosa, agitada, dispersa, com um autocensor intenso, havendo grande preocupação em ser aceita e em não errar. Talvez este medo de ser descoberta a assuste, utilizando-se de vários mecanismos que desviem qualquer aproximação de si mesma para outro foco, controlando seus sentimentos mais profundos (risadas muito tensas, grande agitação, vontade de fazer coisas diferentes daquelas envolvidas na aplicação dos testes, principalmente dos projetivos).

Na escola tais conflitos também aparecem, onde para Ângela torna-se difícil integrar seus recursos e anseios com a aprendizagem; Ângela se fecha, não tem amigos, não gosta de brincar...

Conclusão

Tomando por referência os dados acima, não se deve ser radical ao analisar seus resultados intelectual e motor, visto que Ângela vive neste momento, conflitos muito intensos a nível emocional.

Através dos dados obtidos em anamnese, observa-se que a figura materna se evidencia na história de vida da criança. A mãe mostra-se extremamente exigente com esta filha, tendo uma expectativa muito alta, além das condições de que Ângela dispõe. Parece que tal exigência vem desde cedo; criou-se dentro de casa, sem contato com outras crianças; atribui-lhe funções muito com-

plexas; acha-a moça aos dois anos para usar chupeta... Preocupa-se em retratar sua filha como alguém ideal, segundo seus valores, precoce, tendo grande desejo de que Ângela seja como ela, sem que haja uma diferenciação de papéis. Esta imagem é passada e assumida por Ângela, esta ficando muito confusa acerca de sua individualidade. Há uma auto-exigência muito acentuada em torno de seus atos e grande medo de errar e não ser aceita. Mãe funciona como um "superego", um censor que a ameaça. Ângela apenas executa, sem introjetar, o que se torna muito angustiante.

Parece que os conflitos entre o casal vívidos pela mãe, ocupam todo o espaço sem que haja um para Ângela. Reclama de sua situação com o marido, porém não toma nenhuma atitude, esperando que o externo resolva e que Ângela seja a ponte. (A criança traz os desejos da mãe para serem atingidos.) Coloca grande responsabilidade na filha, a qual fica sem uma referência própria para poder distinguir o que é seu e o que é de sua mãe; passa a ser a "porta-voz" dos conflitos da mãe. Esta situação é demais ameaçadora para Ângela; a mãe a invade sem estar podendo respeitá-la na sua individualidade; sem perceber seus limites e necessidades. Não se observa um vínculo mais afetivo, de troca entre mãe e filha, haja visto o período de amamentação no qual a mãe não tem certeza se a amamentou. Seus problemas passam a ser o centro de tudo, sem que possa ver as dificuldades e carências de Ângela (ver queixa da mãe e dados de anamnese).

Com isto fica difícil para Ângela se aproximar de aspectos que lhe são próprios, de seus anseios e necessidades, estando no desenvolvimento num processo acelerado que a desgasta e amedronta.

É importante que esta criança passe por um processo que vise a "construção" de uma estrutura que tenha como base seus próprios recursos, carências e desejos.

Para a mãe, torna-se indispensável uma orientação que lhe possibilite esclarecer e lidar com suas angústias e conflitos, sem que envolva tanto Ângela, distinguindo o seu papel e o da filha.

Orientação

- Ludoterapia individual;
- Orientação para a mãe.

Além do contraste entre as habilidades reveladas nos testes e as reveladas na vida, chama atenção a omissão total, nesse relatório, da experiência escolar como parte integrante das experiências de Ângela; tudo se passa como se seu comportamento escolar independesse da escola e seu comportamento nos testes independesse das experiências que viveu durante os três anos em que foi reprovada e estigmatizada no ambiente escolar, como se seu mundo se limitasse às experiências familiares. Considerando como causa de

seu fracasso escolar "conflitos muito intensos a nível emocional" de origem familiar, o relatório exclui, como convém ao sistema, a dimensão social e política da (re)provação escolar.

A história de Augusto

No final de 1983, Augusto, dez anos, foi reprovado pela terceira vez consecutiva na 1.ª série da escola do Jardim. Portanto, em 1984 ele a cursará pela quarta vez. A reprovação já se tornou corriqueira entre as crianças desta família: Marina, sua irmã mais velha, foi promovida para a terceira série, após ser considerada uma aluna apenas regular na classe de Marisa; está com quase onze anos e cursou duas vezes a primeira série. Silvana, nove anos, também cursa pela segunda vez a primeira série; Marisa, sete anos, matriculou-se na primeira série em 1984, com muita dificuldade para conseguir uma vaga, tendo ficado no período das 15 às 19h, o que preocupa a mãe, que a considera muito pequena para voltar da escola quando já escureceu. Vânia, seis anos, foi matriculada na pré-escola em 1984 mas a professora convenceu a mãe de que era preciso tirá-la da escola porque "fica paradinha, não faz nada, não brinca". Há ainda um irmão, Júnior, de quatro anos, sem experiência escolar. Em 1984, nasceu mais uma filha, Isabel, um bebê de cerca de dois meses quando das visitas domiciliares.

Toda a responsabilidade pela reprovação das crianças é atribuída, pelas educadoras, à mãe. As acusações e ameaças que a escola lhe faz atingiram tais proporções que o estudo de caso através de visitas à casa tornou-se quase impossível: durante os três meses que ele durou, Márcia (a mãe) vacilou entre a satisfação de ter com quem falar e a desconfiança diante de alguém que não conseguiu dissociar da escola e que, portanto, lhe mobilizava intensa ansiedade persecutória. Com o passar dos encontros, prevaleceu a desconfiança, aumentada por incidentes escolares que repercutiram direta e intensamente sobre seu contato com a pesquisadora.

Como dissemos, Augusto tornou-se o depositário da "sujeira" que o estereótipo social atribui ao pobre; sua falta de asseio passou a ser sua característica distintiva no ambiente escolar, onde é conhecido como "Cascão", um dos mais marcantes da galeria de "tipos" aos quais as educadoras da escola do Jardim se referem tão logo são sollicitadas a falar sobre sua clientela. Quando de nossa primeira visita à escola, ouvimos falar de "Cascão" e de sua mãe, a qual encarnava o desmazelo e a irresponsabilidade que costumam ser atribuídos às mães da periferia.

Levada pela necessidade de encontrar um culpado pelo insucesso da escola, a equipe técnico-administrativa rapidamente estigmatizou Augusto, sua mãe e, por extensão, toda a família; enquan-

to se relacionam com ele de maneira ambígua — de um lado o estigmatizam como "o sujo" e "o delinqüente", de outro têm para com ele atitudes assistencialistas — o relacionamento com Márcia é duro, acusatório e cobrador, sem que as educadoras consigam um distanciamento emocional suficiente para tentar entendê-la e, assim, poder ajudá-la. Como vimos, Márcia foi ameaçada de ter que se haver com a polícia caso não garantisse a ida dos filhos à escola.

Mais que dureza, acusação e cobrança, o discurso das educadoras sobre Márcia é marcado por flagrante desrespeito. Retomemos o que Neide disse a propósito de Augusto:

"É uma tragédia. É o 'Cascão', da escola. É irmão da Marina, aluna da Marisa. É bonito, loirinho, mas vem sujo, sujo, sujo, a irmã também, a mãe também. Ele não fala mal da mãe. O pescoço é craquento. Usa a mesma roupa dia e noite, a semana inteira. Não lava a roupa, joga fora. Eu dava as camisas e a mãe agradece muito a ajuda da escola. No dia do desfile veio com a roupa branquinha e o remendo perfeito. Era desfile da campanha do lixo e as crianças queriam que ele fosse o símbolo. No dia do desfile não queria vir, outra mãe ajudou. A mãe não é casada, o homem da casa é trabalhador mas ela é desleixada. Ela é forte mas se queixa de falta de coragem, não consegue levantar de manhã. Ela diz que não tem forças. As crianças dela vêm sujas, com fome. Ela fica na cama o dia todo, com todas as outras crianças. Outro dia tivemos que levar o Zé Augusto no pronto-socorro para tomar glicose. O problema é desnutrição. Vem com fome, a casa deles é muito suja. A Marta quer encaminhar para classe especial. Acho que o problema é da casa, da mãe, ela não incentiva, não cuida."

Marisa, ao falar sobre Marina, a irmã mais velha de Augusto, foi ainda mais contundente:

"É a minha patxão. Suja, judiação, não toma banho nunca. É boa aluna, tem seis irmãos. A mãe 'dróme' de dia e de noite. Não lava roupa, usam a roupa uns vinte dias e depois jogam fora. Chamei a mãe, dei conselhos — 'Precisa dar lanche, lavar roupa, fazer tomar banho' e ela respondeu: 'Mas eu drumo muito, dona Marisa.' Eu perguntei: 'Por que que a senhora dorme tanto, é doente?' 'Não sou doente, mas 'drumo' muito'. E continua 'drumindo' (diz a professora, com muita ironia). Eu ensinei a menina a lavar roupa. Ela não acusa a mãe de nada e diz: 'Minha mãe estava descansando.' A mãe não faz nada, só 'drome'. A criança se cria à toa."

Quando iniciamos as visitas, constatamos que o quadro descrito pela escola corresponde à realidade, mas as explicações não: nem Augusto, nem sua mãe são como as educadoras imaginam que eles sejam. Localizada numa rua sem calçamento paralela à rua da esco-

la, a casa de Augusto limita-se a um pequeno quarto, cozinha e um banheiro externo. O terreno é ocupado por mais dois cômodos e uma casa maior, com cozinha, banheiro, quarto, sala, todos de propriedade de José Carlos, pai de Augusto, e alugados a terceiros. A construção que serve à família é a mais precária e está em péssimo estado de conservação: as paredes são descascadas e manchadas de umidade, o chão é de cimento pintado de vermelho bastante desbotado. A casa tem um ar de abandono, de descuido, geralmente há restos de comida espalhados pelo chão; não há provisão de mantimentos no único armário existente, bastante gasto e com as portas quebradas. A geladeira está sempre vazia e os móveis se reduzem a uma cama de casal, onde os pais dormem com a filha menor, uma cama de solteiro onde dormem as quatro meninas e uma pequena cama de armar onde dormem Augusto e Júnior; além das camas, no quarto, uma mesinha sustenta uma televisão portátil. Na cozinha há um armário, um fogão, uma geladeira e uma mesa com quatro cadeiras. O quintal é espaçoso e é aí que as crianças, exceto Augusto, passam a maior parte do seu tempo. Um portão de ferro alto geralmente é mantido trancado a chave.

Normalmente há uma grande panela de arroz com feijão sobre o fogão, da qual as crianças se servem durante toda a tarde, a partir da hora que voltam da escola; às colheradas, diretamente da panela, ou valendo-se de pratos quase sempre servidos que permanecem empilhados sobre a pia, as crianças comem o feijão com arroz, não raro disputando uma porção que não dá para todos ou até mesmo um fundo de panela de arroz queimado. Não há agulha e linha na casa, muitas vezes não há fósforo para acender o fogão e é comum não haver gás, que acaba sendo emprestado de uma vizinha.

Como a casa, as crianças também têm um aspecto descuidado; as roupas são sujas, os cabelos duros e maltratados e todas têm piolhos. Contrastando com a impressão desagradável que o ambiente físico causa, as crianças são vivas, espertas, sociáveis, interessadas, criativas e sobretudo muito verbais, expressando-se com fluência e riqueza de vocabulário, uma característica que também é de Márcia.

Imaginando que a pesquisadora está em sua casa a mando da escola para vigiá-la, Márcia inicialmente se esforça para dar a impressão de que está realizando as ordens que recebe das educadoras no sentido de cuidar da higiene e da alimentação de seus filhos; muitas vezes, quando a pesquisadora chega a casa está fechada e Márcia está dormindo, mas logo se levanta e começa a movimentar-se como se cumprisse tarefas que lhe foram atribuídas: manda as crianças para o banho ou manda-as colocar uma roupa limpa; outras vezes, a pesquisadora chega e a encontra lavando o chão e as janelas, tarefa que fica interrompida ao menor pretexto, como se o objetivo da "função" já tivesse sido atingido, ou seja, mostrar à "repre-

sentante da escola" que está realizando suas recomendações. Este fato faz com que as visitas sejam especialmente pesadas para ela.

Márcia casou-se com José Carlos há treze anos; até hoje não legalizaram a situação porque ele não quer. Na época, ela tinha quinze anos e ele vinte e quatro. Eram vizinhos no bairro do Rio Pequeno e foram morar numa pequena casa alugada numa favela, nesse mesmo bairro, de onde saíram há sete anos para morar no Jardim, onde haviam comprado os dois cômodos onde hoje residem. Deixaram a casa anterior por problemas de inundação, contra a vontade de Márcia que preferia continuar no bairro em que sempre morou. Quando se casaram ele era polidor numa metalúrgica, onde permaneceu por onze anos e de onde foi despedido há três anos porque a firma faliu. Ficou então desempregado durante cinco meses; nesta época passaram fome segundo Márcia. Está numa outra empresa da mesma natureza, onde exerce o mesmo ofício há três anos. Além do salário (cerca de um e meio salários-mínimos) recebe cerca de dois terços de um salário mínimo pelo aluguel das três casas que construiu no quintal, o que não justifica o nível de privação em que vivem. Márcia não trabalha fora; ambos têm primário completo. Ele veio de Maceió, aos 16 anos, e ela nasceu no interior de São Paulo, filha de trabalhadores rurais.

Ao lado da resistência decorrente do fato de ver na pesquisadora uma possível espiã a serviço da escola, Márcia sente-se aliviada por encontrar uma interlocutora a quem possa falar de seu desânimo e de sua tristeza:

"Eu ando muito triste, nervosa... Eu ando de um jeito... sinto que dentro de mim tem alguma coisa que me aperta, um peso dentro da minha cabeça, acho que é nervoso..."

A mobilidade dentro da cidade, em função do emprego do marido e da busca de maneiras menos onerosas de morar, obrigou-a a deixar o Rio Pequeno, bairro no qual se sentia ambientada e mais feliz:

"Sabe, não gosto daqui, às vezes me bate uma tristeza, menina, que tenho vontade de ir embora não sei para onde; não gosto daqui, aqui não tem nada, né, eu gostava lá do Rio Pequeno onde a gente morou vários anos, lá tinha farmácias, supermercado grande, nós morávamos perto da linha de ônibus, podia ir para todo canto, aqui é longe de tudo (...) eu já falei pro meu marido que qualquer dia eu resolvo e mudo pra lá, porque quando a gente não gosta do lugar, não adianta, né, e eu sou meio assim, tem hora que me dá aquela tristeza... aqui a gente fica dentro de casa, sabe que eu nem sei que dia é da semana que é? É tudo igual, sábado, domingo..."

A solidão também a incomoda nesta perda de raízes dentro da

própria cidade: lembra-se do antigo bairro com saudade e dos tempos em que morava perto da mãe, que a ajudava muito:

"Agora, aqui, sem ninguém da gente, é duro. Me dou bem com os vizinhos, tenho amigas que às vezes vêm conversar mas às vezes não tem ninguém pra conversar (...) Sinto muita falta da minha mãe, ela agora mora longe, no interior, e é difícil ir visitar..."

Márcia é tensa, tem tiques, refere-se vagamente a uma doença mental do pai, sua internação durante mais de um ano, o tratamento com eletrochoque, o que o levou a aposentar-se precocemente. Conta-nos também sobre a doença de sua mãe, que recentemente amputara uma perna e que faleceu no período em que se deram nossas idas à sua casa. Refere-se, também por alto, ao assassinato de um irmão no Rio Pequeno, o que levou os pais a se mudarem novamente para o interior, e a um irmão "bandido". A falta crônica de dinheiro a destrata, porém ela se recusa a falar sobre isto, impedindo que a pesquisadora entre em contato com seu marido alegando "problemas" que não explicita. Fica até mesmo a dúvida sobre se o marido realmente reside com a família, uma vez que a pesquisadora esteve lá vinte e seis vezes e jamais o encontrou (ou já havia saído, ou não havia chegado, incluindo alguns fins de semana), com exceção de um rápido encontro no portão, num sábado, desfeito por interferência de Márcia, que solicitou à pesquisadora que voltasse num outro dia. Há assuntos sobre os quais se recusa a conversar, alegando, com razão, que *"existem coisas na vida da gente que a gente guarda só pra nós e que não quer falar pra ninguém..."* E foi persistente em sua decisão de não deixar que detalhes de sua vida fossem desvendados além do que lhe seria conveniente e suportável.

De qualquer forma, o contato com ela foi suficiente para nos mostrar uma mulher sofrida, desencantada e deprimida que não tem vitalidade para cuidar dos filhos e da casa. Márcia não é "desleixada" ou "irresponsável"; Márcia é uma pessoa deprimida que procura alguma conforto no sono e na religião:

"É difícil ir na igreja, creio em Deus, vivo, sempre perto da gente, nos livra do mal, da tentação. Tenho fé nele, tenho certeza, mas é difícil ir na igreja. Às vezes converso com ele, em casa. Às vezes estou triste, conto meus problemas pra ele, peço pra ele me ajudar..."

Refere-se vagamente ao marido como alguém trabalhador, que sai de casa de madrugada para não perder a hora e que muitas vezes volta muito tarde porque janta na casa da mãe, a quem costuma visitar também nos fins de semana. Conta-nos que ele é calmo com os filhos mas permanece um mistério a respeito da relação, não fica esclarecido para onde vai o dinheiro dos aluguéis que vem se so-

mar ao salário. Cuidando sozinha dos sete filhos, não é de estranhar que revele um sentimento de desgaste físico:

"Não sou moça, não, a mocidade já foi, estou com vinte e oito anos..."

Seu relacionamento com os filhos é influenciado pelas oscilações de humor que a atingem: há dias em que está nervosa, os tiques intensificados. Isto geralmente ocorre quando é solicitada a resolver algum problema relativo a seus pais e irmãos. Marina, a filha mais velha, a substitui como pode; na verdade, é ela quem diariamente assume os encargos domésticos como cozinhar, lavar e cuidar dos irmãos menores, o que faz com competência, apesar de seus onze anos. Os filhos menores (Júnior e Isabel) recebem maior atenção de Márcia. É sobre Augusto que recaem sua irritação e seus temores, no que é estimulada pela escola.

Na representação da mãe e dos irmãos, Augusto comparece como um quase-delinquente; logo no primeiro contato com a pesquisadora, Márcia refere-se a ele nos seguintes termos:

"Você vê, menina, já está criado, não tá? Mas ele é danado. Ah, menina, o que ele me deixa nervosa, ele é terrível, nem os professores da escola agüentam ele e eu dou razão, viu, porque ele faz bagunça todo o tempo, não dá sossego e não deixa os outros fazer lição; volta e meia a professora me chama lá por causa dele. Olha, o que esse menino já apanhou pra aprender... agora já faz um tempo que não bato, tá precisando de apanhar..."

Também os irmãos, mesmo os menores, já assimilaram esta imagem de Augusto; Vânia, de apenas seis anos, diz à pesquisadora: *"Ele gosta de bagunça, fica na rua..."* Marina, a irmã mais velha, diz que ele é terrível, malandro e descreve sua rotina como consistindo em levantar-se, tomar café e ir para a rua, só voltando à tarde para almoçar e às vezes para ir à escola. Segundo ela, ele não gosta de ir à escola porque "os moleques encham", mas que também é verdade que ele faz muita bagunça, e acrescenta:

"Desde sete anos é assim, quando ele tinha sete anos saiu de casa e só voltou depois de três dias porque o pai encontrou ele no ônibus todo sujo e deu uma surra..."

Comenta que o pai às vezes tem dó e não bate, mas que ele freqüentemente só vem para casa para comer e dormir e passa o dia com um tal de Tuim, que ninguém sabe quem é, que lhe dá dinheiro e roupas.

O fato deste comportamento de Augusto ter início aos sete anos chamou nossa atenção, pois coincide com a idade na qual começa a freqüentar a escola. Este início foi marcado por incidentes que não podem ser negligenciados: Augusto freqüentava a primeira série no

primeiro período e faltava freqüentemente porque sua mãe não o acordava; sua professora era Grace, da qual a família possui uma péssima impressão pela agressividade que a caracteriza; segundo Márcia,

"ele não gostava da escola desde o começo, às vezes tinha dia que ia, às vezes não (...). A professora dele sempre foi muito brava, uma vez deu um tapa na cara da Marina porque ela não acabou a lição, porque não sabia. Eu fui lá reclamar e ela foi estúpida, a gente se desentendeu."

Além de ter iniciado sua escolaridade com uma professora especialmente agressiva, o fato de não ser assíduo e não ter asseio contribuiu para que o ambiente escolar se tornasse rapidamente desagradável, não só para ele como para Márcia, que passou a ser freqüentemente chamada, cobrada e ameaçada pelas educadoras. Mais que isto, às vezes representantes da diretora vão à casa para fazer queixas e levar recados, o que permite que a vizinhança participe dos problemas e dissemina uma imagem negativa de Augusto. Pressionada pela escola, Márcia pressiona Augusto, dá-lhe surras e aumenta sua aversão à escola, que se manifesta nas faltas constantes, na indisposição para aprender e em atos de indisciplina. Tudo isto o empurra para a rua e, num círculo vicioso, vai consolidando sua imagem de "delinqüente" na escola, na família e no bairro.

Ao mesmo tempo que repete o discurso da escola sobre Augusto, em especial no que se refere à sua indisciplina, Márcia revolta-se com a insistência com que as educadoras a convocam e com a maneira como a tratam. Esta revolta assume maiores proporções quando, em 1984, Augusto é acusado de, na saída da escola, ter cortado o tênis de uma aluna. Em função desse incidente, a mãe da menina vai à casa de Márcia para exigir um novo par de tênis e a escola entrega um bilhete a Augusto com a recomendação de que "não é para entregar para a mãe, é para entregar para o pai", o que deixa Márcia mais irritada. O bilhete convoca pai, mãe e filho para uma entrevista às nove da noite na escola. Ela mesma resolve ir e volta revoltada com a falta de provas e com a incoerência das educadoras, que ora afirmam que o incidente se deu na saída, do lado de fora da escola, ora no recreio:

"Se eles me chamarem mais uma vez, vão ver, porque eles pensam que eu sou boba e eu não sou, Sandra (...). Fui lá duas vezes, porque me chamaram duas vezes no mesmo dia, estou cheia, viu, por que eu tenho de ficar agüentando esse tipo de coisa o tempo todo, ficar nervosa, tem tanta escola por aí, essa não é a única (...)"

Diz-se magoada com as educadoras (acrescenta que a diretora, Maria da Glória, é melhor que as outras) porque elas a ofendem com

freqüência, dizem coisas que a machucam. Além disso, sente-se sobrecarregada com as constantes solicitações da escola:

"A escola tá pensando que sou louca? Cada hora me mandam chamar por uma coisa, não agüento mais, tenho os meus problemas, ninguém vem aqui para saber quais são, tem coisas que aconteceram aqui que a escola nem ficou sabendo."

As constantes convocações da escola contribuem para agravar sua relação com Augusto; embora expresse seu desagrado pela maneira como as educadoras a tratam, é nele que descarrega sua revolta. Quando estão juntos, é visível que Márcia constantemente o critica, ameaça-o e reprime qualquer manifestação sua, não só para nos "mostrar serviço" como também porque o considera à beira da delinqüência, fora do seu alcance, solto no mundo e, a seu ver, vítima de péssimas companhias que o induzem a fazer coisas erradas. O fantasma do "banditismo" a persegue e a leva a perseguir Augusto.

Além de trancá-lo em casa quando pode e de dar-lhe surras porque cabula as aulas e desaparece de casa, Márcia expressa seu desejo de interná-lo num colégio e nos pergunta o que achamos da Febem, que a seu ver pode ser uma solução:

"Estou com medo, tem alguma coisa na cabeça dele que eu sei que não é bom... vou internar ele. Vou pôr no Juizado de Menores. Uma amiga falou que o único lugar bom é no Paraná, com uns crentes. Vou fazer tudo pra pôr ele lá."

Embora situe o início deste comportamento no primeiro ano de freqüência à escola, e embora tenha muitas críticas à primeira professora e à maneira como as educadoras da escola do Jardim lidam com o problema (ela chega a dizer que "ele está marcado na escola"), Márcia não estabelece relação entre a "opção" que Augusto faz pela rua e sua experiência escolar; para ela, tudo corre por conta das más companhias e de uma vocação de Augusto que não consegue explicar:

"Não tenho certeza bem do que é; é uma criança que não gosta de estudar, o que gosta é de andar pelo mundo, por aí. Acho que é um menino esperto e é... um pouco... inteligente. Tem palavras que escreve e não sabe ler... sabe ler pouco. Eu não sei se a alimentação faz parte do estudo, não sei... criança precisa de leite todo dia... eu não posso comprar todo dia... porque o alimento... o feijão tem vitamina, o arroz não, a carne não posso comprar, penso que deixa a criança um pouco fraca."

Embora, como tantas mães, Márcia esteja à procura de uma explicação para o fracasso escolar de seu filho que a convença, a possibilidade de estabelecer relações entre este fracasso e a qualidade

da escola é mais problemática em seu caso, na medida em que as educadoras a encheram de culpa, convencendo-a de uma relação causal entre a sua "irresponsabilidade" e o insucesso escolar dos filhos.

A convivência com Augusto desmente a cada passo a impressão formada a partir do que se diz sobre ele, tanto em casa como na escola. É um menino pequeno para sua idade, de pele morena e cabelos castanhos claros, feições delicadas, simpático, brincalhão e sobretudo muito afetivo, o que contraria a imagem de "delinqüente" que aos poucos lhe vai sendo imposta. Estas características fazem com que os irmãos, muitos dos moradores do bairro e mesmo algumas das educadoras às vezes se mostrem afetuosos com ele. Lembremos que na classe de Neide ele integra o grupo dos que não se mortificam, o que não deixa de ser vivido com alívio pela professora. Sensível ao que se passa ao seu redor, ressentido claramente da hostilidade da mãe e da preferência que esta manifesta pelo irmão mais novo, das precárias condições materiais, da falta de higiene e falta de alimentação em sua casa e do número de mulheres entre as quais sempre viveu, numa família na qual o pai é muito ausente. Faz observações perspicazes a respeito de assuntos que a mãe conversa com a pesquisadora e expressa com clareza seu protesto contra o fato de ser responsabilizado por tudo que ocorre de errado em sua casa, na escola e na vizinhança. Quando o irmão Júnior toma um pedaço de um boneco de gesso e risca o chão da cozinha, ele diz:

"Isso mesmo, risca tudo aí pra depois o pai dizer que fui eu."

Quando uma irmã o informa de que ouviu umas amigas dizerem que ele ia ser expulso da escola porque xingou a diretora, ele nega com veemência e acrescenta:

"Dizem isso só pra mãe bater em mim."

Ao falar sobre a escola, conta que sempre o acusam de roubo, de mexer com as meninas, revelando uma percepção nítida de que está marcado e da injustiça que isto representa. Numa tentativa de sobrevivência nesta situação, vale-se de um expediente que faz da escola um espaço onde vai para satisfazer necessidades que o afastam do desejo de aprender, a esta altura já bastante desgastado:

"Mas agora não podem mais me acusar, agora eu sou fiscal, todo mundo sabe; quando vejo um moleque no recreio subir a escada eu vou atrás e depois se pego ele mexendo na bolsa de alguém eu conto que foi ele e digo pra ele devolver na hora e aí ele fala: 'Não, é mentira, não fui eu', depois fica tudo santo..."

No dia seguinte ao incidente do tênis cortado, enquanto anda pelo bairro com a pesquisadora, novamente reclama de estar sendo injustamente acusado:

"Tudo sou eu, aqui em casa, na escola; não fui eu, ela [a menina agredida] nem viu e fica acusando, ela nem é da minha classe, foi o Robson da classe dela, não fui eu, já vem logo acusando, é só falar o meu nome e já acha que é eu. A diretora falou que vai me mandar pro Juizado de Menores..."

Quando a escola manda uma convocação para os pais, mas recomenda que ela seja entregue ao pai, diz:

"Querem que entregue pro pai que é pra ele me bater, né, já sei."

Os sentimentos que ligam não só Augusto mas também seus irmãos à escola e o resultado da experiência escolar aparecem com toda a sua força num encontro no qual as crianças da casa reúnem-se em torno da mesa da cozinha para "desenhar uma escola" e falar sobre os desenhos. Sua irmã Silvana é a primeira a começar; desenha uma quadriculado e diz que são "os buracos da escola onde a gente toma frio e vê lá fora", referindo-se a uma parede de tijolos vasados existente no patio interno. Desenha uma menina e explica que "ela está olhando lá fora dos buracos"; a seguir desenha mais duas que diz serem amigas que "estão gozando da outra" que, mais ao fundo, chora porque está sendo "gozada" e teve o apontador roubado. As duas caçoam dela, jogam seu apontador longe, dizem que ela é feia e ela continua chorando. Então, os pais desta última vêm buscá-la e ao ficar sabendo do ocorrido, batem nas outras. Augusto, por sua vez, inicia seu desenho dizendo que "vai ser a escola mais bonita de todas"; começa pelo telhado, quadricula a casa e num dos quadrados localiza a sala de aula, onde uma professora ensina "va-va-ca-ca-pa" e comenta: "A professora tá com uma régua na mão pra bater em quem não presta atenção." Como Ângela, não desenha crianças na sala de aula, só as carteiras vazias e a professora. Quando a pesquisadora pergunta-lhe "onde está você, nesta escola?", ele desenha um coração e prega no centro um adesivo de propaganda de "band-aid" que havia trocado, pouco antes, por uma bola. Pede à irmã que leia o que está escrito no adesivo ("band-aid, dodói") e diz rindo, em tom de brincadeira, que é ele, "todo machucado por causa das pauladas que a mãe deu porque fiz bagunça; estou todo machucado, com band-aid"; a seguir, recorta o coração e o entrega à pesquisadora, pedindo que ela o guarde em sua pasta.

À colocação de Marina de que ela foi a primeira da casa a ir para a escola, a pesquisadora coloca como tema o "primeiro dia de aula". Silvana diz, em tom de brincadeira e de provocação, que o Augusto "não teve primeiro dia de aula, teve só segundo, porque no primeiro ele já faltou", ressaltando que uma das marcas de Augusto em relação à escola é a frequência com que falta às aulas. Marina acrescenta que inicialmente gostou da escola mas que depois

não gostou porque as colegas a provocam e tomam seu lápis. É então que Augusto começa a contar uma história, valendo-se de recursos teatrais:

"No primeiro dia de aula, a professora me pegou e me infincou uma régua [faz o ruído e um gesto à altura do pescoço], depois infincou outra do outro lado, aí eu morri, aí veio meu pai e deu um tiro na professora e ela também morreu."

Continuando no mesmo tom, faz uma cena através da qual se propõe a mostrar como é a escola. Imitando a voz de uma professora, diz: *"Augusto, já pra parede, vai ficar aí encostado na parede, de costas"* (todos riem). *"Vai ficar aí de castigo até eu mandar desvirar!"*, continua, com a mesma voz, encostando-se à parede, onde permanece encolhido. A entrevistadora pergunta por que isto está ocorrendo e ele diz que é porque sempre o estão acusando de roubo, de briga e de mexer com as meninas. Sua voz está carregada de indignação e de sentimento de injustiça. Marina completa dizendo que Augusto tem razão, que na escola riem dele porque ele vai com roupas muito grandes mas que é verdade também que provoca as meninas. Enquanto isto, Vânia, cuja experiência escolar limita-se a uma rápida passagem pela pré-escola, sonha, ao contrário de seus irmãos, com o dia de voltar para a escola. Ao ouvir Augusto contando à pesquisadora que ela havia saído do pré porque *"não fazia nada, ficava parada"*, ela reage dizendo que agora ela vai à escola porque *"a mãe vai comprar o uniforme pra ir para escola, casaquinbo, sainha, sapatinho"*. Diz que vai fazer um "bilheteinho" contando para a professora que ela vai para a escola no ano que vem, que a mãe dela vai comprar tudo que precisa e pedindo à professora que a espere. Em seguida, entrega-o à pesquisadora e pede insistentemente que o faça chegar à professora.

À medida que fomos convivendo com Augusto, foi possível entrar em contato com sua insatisfação com o estado de coisas vigente em sua casa: a sujeira e a precariedade material o incomodam, mas é sobretudo a dificuldade para encontrar um "espaço" para ele no grupo familiar, no sentido tanto material como psicológico do termo, que mais o angustia. A presença constante de todos os irmãos nos encontros com a pesquisadora o deixa muitas vezes infeliz, o que chega a verbalizar. Numa ocasião em que esta leva papel e lápis, todas as crianças se apressam em garantir seu lugar à mesa; Augusto reclama que não há espaço para ele e resiste à idéia da pesquisadora de tentarem dar um jeito, dizendo: *"Não dá, com toda esta gente na mesa."* Numa outra ocasião, a pesquisadora, que já havia percebido seu desejo de atenção individualizada, pergunta-lhe onde podem ir para desenhar; ele sugere o quintal da parte de cima do terreno, numa tentativa malsucedida de conseguir um es-

paço só para si, pois todos os irmãos vão atrás. Ele começa a choramingar, aflito, e diz: *"Olha aí, Sandra, não dá pra gente fazer nada assim."* Como Ângela, ele consegue alguma privacidade sobre a laje que tenta transformar no "seu" espaço. Um dos problemas com que se defronta é encontrar um lugar onde possa colocar seus poucos pertences fora do alcance do irmão menor. Ao voltar da escola, numa tarde, encontra sua pipa rasgada por Júnior; chora desesperadamente, quer que a mãe faça alguma coisa, mas esta permanece claramente do lado do filho menor. Muitas vezes, durante as visitas, após inutilmente tentar realizar alguma atividade em casa, ou diante das acusações e das recriminações que Márcia insiste em lhe fazer em nossa presença, vai para a rua e desaparece.

Com exceção de seu pai, que pouco está em casa, e de seu irmão de três anos de idade, Augusto cresceu num grupo feminino composto por sua mãe e suas quatro irmãs. A este respeito ele conta que quando moravam no Rio Pequeno era bom porque eram só ele e a irmã mais velha, mas *"depois veio uma, veio a outra, veio a outra, esse bando de mulherada"*. Rivaliza abertamente com as irmãs, mostrando-se preocupado em produzir mais material do que elas durante os encontros com a pesquisadora nos quais desenham ou realizam outro tipo de produto. Ao andar pelo bairro, refere-se a um grupo de meninas reunido em frente a uma casa dizendo *"formigueiro"* e acrescenta: *"Não parece um formigueiro, tudo juntas? É um bando de mulherada..."*

Mesmo supondo que Augusto já chegou à escola às voitas com a procura de um lugar para si e com a necessidade de lidar com as repercussões psicológicas da dinâmica de sua família, é impossível afirmar que a maneira como vive estes problemas por ocasião da pesquisa seja anterior à sua experiência escolar e causadora dos rumos que ela tomou. É preciso atentar para a intrincada rede que se tece com os fios das características de cada criança e das características institucionais; no caso de Augusto, uma professora especialmente agressiva, uma pedagogia essencialmente massificante, um contexto educacional norteado pelo preconceito em relação à clientela e predominantemente feminino, como costumam ser as escolas primárias, não podem ser dissociados de seu comportamento atual. No âmbito escolar, seu desejo de um espaço onde pudesse se desenvolver certamente não foi satisfeito. A violência escolar potencializou a agressividade da mãe e ambas o empurraram para a rua, onde está à procura de possibilidades que não encontrou em casa e muito menos na escola. Neste sentido, é importante registrar que todas as vezes em que Augusto desapareceu de casa durante o período que durou o estudo de caso e que o encontramos casualmente pelas ruas do bairro, ele alegou que não voltava porque a mãe o havia ameaçado de bater; numa destas vezes, diz ter dormido no

mato para evitar a surra. Noutra ocasião, ao encontrá-lo em casa no horário das aulas, a pesquisadora pergunta-lhe o motivo e ele conta que havia lavado a calça do uniforme e esta não secou; como não pôde entrar na escola de calça úmida e como também não poderia fazê-lo sem uniforme, resolveu pendurar a calça atrás da geladeira para secar e poder vesti-la no dia seguinte.

A maneira como Augusto vive a rua difere radicalmente da maneira como sua mãe, sua família, a escola e a própria vizinhança encaram o fato de ele passar muito tempo nela, ou seja, como prova de suas tendências delinqüenciais. Nela, não só se resguarda da agressividade da escola e dos pais, como busca possibilidades de realizar atividades que lhe rendam algum dinheiro. Na época da pesquisa, é patente que se a família dispõe de algum dinheiro, ele não é aplicado na manutenção da casa. Augusto tenta suprir a falta constante de alimento fazendo "bicos"; não raramente chega em casa contando o que comeu em suas andanças, quando não traz algum dinheiro para a mãe, o que a faz às vezes ambígua em relação ao fato de ele "viver na rua". Sua vivacidade transparece na maneira como consegue algum trabalho no bairro e nas redondezas: ora está vendendo pipas sob comissão, ora ajudando um vizinho a levantar um muro, ora realizando alguma atividade em locais mais distantes, cuja natureza permanece menos clara, o que dá margem para Márcia exercer sua fantasia de que se trata de "alguma coisa ruim".

A maneira como relata uma rápida internação sua num hospital é reveladora não só de seu desejo de atenção e proteção, como de sua preocupação com o outro e sua capacidade de reparação, o que entra em choque com a imagem de delinqüente que a escola insiste em lhe atribuir, influenciando a mãe e moradores do bairro. Com um pé infeccionado, esteve internado três dias; segundo Augusto, doía muito mas foi bom porque lá "só tinha gente legal", as enfermeiras foram legais e a comida era ótima: "Comi macarrão com frango, sopa, tinha bolacha só pra mim..." Conta também que havia um bebê que estava muito mal, com dificuldade de respiração, e que ele chamava a enfermeira para não deixar o bebê morrer.

Esta preocupação com o bem-estar alheio é uma característica marcante em Augusto que se alterna com momentos nos quais "inferniza" irmãos e crianças vizinhas, dando-lhes a impressão de que vai machucá-los de algum modo, obrigando-os a fazer o que não querem ou tentando atrapalhar o que estão fazendo. Parece divertir-se com estas situações e dá à sua ação um tom de brincadeira, o que deixa os "perseguidos" ambivalentes em relação ao "perseguidor". Estas reações ocorrem sobretudo quando Augusto acaba de viver situações nas quais não consegue realizar algo a que se propôs, como se o fracasso confirmasse sua incapacidade de construir e o im-

pelisse à atuação da destrutividade. Mas a capacidade de amar e de reparar foi o que mais nos chamou a atenção: afeiçoou-se à pesquisadora e em várias situações revelou-se capaz de gestos de cuidado e de reparação. Por exemplo, por ocasião da primeira visita, a pesquisadora percebe que todas as crianças da casa, incluindo Augusto, relacionam-se de um modo muito afetivo com a irmã recém-nascida; conversando com a pesquisadora, Augusto diz: "Ela é muito esperta, já se vira na cama sozinha, tão pequeninha; outro dia, o pai ficou brincando com ela e ela já levantou um pouco a cabeça..." Numa outra situação, está brigando com o irmão Júnior por causa de uma pipa; quando este sobe no armário, sobre o qual Augusto a havia escondido, ele grita preocupado para o irmão: "Não sobe aí, o armário pode cair com você, ele só tem dois pés!" Num dos encontros, a pesquisadora acompanha Augusto até um campo de futebol, onde ele deverá soltar um filhote de cachorro a pedido de uma vizinha. Na volta, mostra-se preocupado "porque tem muitas vacas no terreno e elas podem pisar nele..." Numa das visitas, Augusto mostra à pesquisadora um vaso de flores enfeitando a casa, dizendo-lhe que havia trazido para a mãe "fazer um vaso"; tinha tomado o cuidado de trazer também a ramagem e comenta que a casa havia ficado mais bonita assim.

Em 1984, cursando pela quarta vez a primeira série, chega a faltar um mês inteiro. Tudo indica que freqüentar a escola deixou de estar em seus planos. Conversamos com sua professora, nova na escola, que se mostra impressionada com a discriminação de que Augusto é vítima dentro dela, relatando-nos que ninguém o queria em sua classe no início do ano: "Ninguém quer ele em sua lista." A partir do que ouviu a respeito dele de outras professoras, imaginou que receberia "um menino grande, com passagens pela Febem", e confessa que ficou surpresa quando se defrontou com um menino pequeno, "ingênuo", afetivo e sobretudo inteligente, que teria todas as condições de aprovação se comparecesse às aulas. Estava empenhada em promovê-lo para a segunda série, a seu ver uma medida que poderia levá-lo a interessar-se novamente pela escola, mas não o conseguiu, pois Augusto não veio fazer as provas, apesar de todos os recados que lhe foram mandados. Esta parece ter sido a forma que ele escolheu para responder aos ataques das educadoras, não importa que muitas vezes eles tenham vindo disfarçados de ações que aparentemente visavam beneficiá-lo, como foi o caso, mais de uma vez, de ter que suportar a vergonha de ter uma servente dando-lhe banho.

A História de Nailton

Quando, em 1984, começamos a freqüentar a casa de Nailton,

ele cursava pela terceira vez a primeira série, após uma segunda reprovação na classe de Neide no ano anterior. Como Ângela e Augusto, ele havia sido classificado como "deficiente mental" pela orientadora educacional; por isso, sua reprovação estava decidida desde o início de 1983.

Nailton encontra-se entre as crianças cujo comportamento escolar insatisfatório para as educadoras é explicado em termos médicos: todos acreditam que ele é "fraquinho" na aprendizagem porque é portador de alguma doença que afeta sua inteligência. Por isso, em 1982, quando cursa pela primeira vez a primeira série, é encaminhado pela orientadora ao Ambulatório de Saúde Mental da rua Itapeva. A este respeito, Glória, mãe de Nailton, relata:

"A mulher me chamou na escola e mandou levar o Nailton pra fazer exame no médico... parece que ele é muito quieto na escola. Ele foi no hospital e tiraram um líquido da cabeça dele e chapa da cabeça. Ele tomou remédio o ano inteiro e eu levava ele lá na rua Itapeva..."

Mediante um memorando e uma ficha de observação, elaborada pela própria OE e preenchida por sua primeira professora, Nailton chega ao ambulatório levando o seguinte retrato:

"Criança com bastante dificuldade, com característica de excepcional. Tem dificuldade de raciocínio, coordenação motora e é apático. Sempre mostra interesse pelo trabalho escolar e faz lições de casa. A criança está prejudicada por problemas de saúde, dificuldade de se concentrar mais tempo numa atividade e dificuldade de retenção (não lê e não escreve). Organização: não tem cuidado com o material, não termina suas tarefas, deixa folhas em branco, escreve fora da linha e arranca folhas do caderno com suas lições. A criança nunca solicita a professora, fica vermelha, é atrapalhada quando se fala com ela, entende mas não obedece as instruções."

Quando da primeira consulta, em 1982, o psiquiatra faz um diagnóstico de *oligofrenia leve* e solicita exames complementares: oftalmológico, EEG e testes psicológicos, além de receitar Noan. O exame psicológico fala em inteligência na "faixa inferior ao termo médio" (que colide com o diagnóstico de "oligofrenia leve") e em comprometimento na esfera afetivo-emocional. Nesta ocasião, é recomendada a frequência a classe comum acompanhada de participação num grupo de estimulação sócio-psicopedagógica no próprio ambulatório, com ênfase na alfabetização e na socialização. A mãe é encaminhada a um grupo de orientação. Nailton frequentou esse grupo durante pouco mais de três meses e sua mãe esteve no grupo de orientação por cerca de um mês. Após faltas frequentes, aban-

donou o "tratamento"; segundo Glória, ela nem sempre tinha dinheiro para a condução.

Numa segunda consulta, no início de 1983, o médico registra no prontuário a normalidade do EEG e substitui o Noan por Diazepam e vitamina C. Esta conduta é mantida até a quarta consulta, quando é introduzido Imipramine, além do Diazepam.² No quinto retorno ao médico, em junho de 1983, além da continuação dos medicamentos, é prescrita a frequência a classe especial.

De posse dessas informações, as educadoras tranquilizam-se em relação a Nailton, uma vez que "sabem" explicar suas dificuldades e que esta explicação, referendada pelo discurso médico, remete a explicação para fora da escola. Nesta época, a professora (Neide) dizia a seu respeito:

"Tem problema, foi encaminhado, toma remédio, calmante forte. Ficou no Projeto mas não deu certo, não fixa nada. Copia mas não lê, não faz ditado. Está no começo da cartilha e está repetindo pela primeira vez. É problema de doença, foi atendido no hospital Matarazzo. A psicóloga mandou folhas para preencher com as dificuldades dele; está fazendo tratamento pelo INPS."

Nailton tem nove anos e é o segundo dos cinco filhos de Glória e Pedro, dois migrantes nordestinos que saíram das pequenas propriedades de seus pais no interior da Bahia ainda adolescentes para tentar a sorte em São Paulo. De pequeno lavrador em sua família, Pedro tornou-se operário em São Paulo, casou-se e alugou uma pequena casa no mesmo bairro, onde nasceram os dois primeiros filhos: Gilmar (10 anos) e Nailton. Despedido, vendeu o que tinha e voltou para a casa dos pais, onde tentou trabalhar na roça. Alegando "não ter-se acostumado" a esta modalidade de trabalho, voltou para São Paulo sozinho, empregou-se como pedreiro, economizou o suficiente para trazer a família, então já acrescida de mais um filho (Luciana, 5 anos). Após uma permanência temporária num

(2) Noan é uma associação de um ansiolítico (diazepam), um simpatolítico (ergotamina) e um parassimpatolítico (propranolol). O diazepam é indicado no tratamento da ansiedade e insônia, além de ser anticonvulsivante, miorelaxante e pré-anestésico. Como reações diversas, pode causar dependência física e psicológica; pode causar ainda confusão, sonolência e ataxia. Podem ocorrer também efeitos paradoxais como aumento de ansiedade e agressividade. O Imipramine é um antidepressivo tricíclico, utilizado no tratamento das depressões, da enurese da infância, das neuroses obsessivo-compulsivas, do comportamento agressivo e hiperativo em crianças com disfunção cerebral mínima. A resposta terapêutica é limitada pelas reações adversas: secura bucal, borramento visual, retenção urinária, taquicardia, constipação, tremores musculares, pseudo-parkinsonismo. Os efeitos cardiovasculares incluem hipotensão, tontura, taquicardia e arritmias (informações extraídas de um relatório sobre esses medicamentos realizado, a nosso pedido, pela farmacóloga Eliane Gandolfi).

quartinho na casa de um parente, compraram um lote no Jardim, em sociedade com este parente. Foi nesta metade de terreno que Pedro construiu, durante um ano, dois dos cômodos que integram a casa atual. Estão há cinco anos neste bairro e aos poucos vêm aumentando a construção inicial, que atualmente conta dois quartos, sala, cozinha e banheiro, todos muito pequenos. Alimentam planos de construir mais dois cômodos na parte superior e de terminar a construção paralisada porque "a vida tá difícil". Neste ínterim, nasceram Adriana (3 anos) e Andréia (5 meses). As paredes externas e internas estão apenas rebocadas; a sala e o quarto do casal têm piso de taco e os demais cômodos são cimentados. Há um quintal de terra onde a mãe e os filhos permanecem grande parte de seu tempo, quando não estão diante da TV que permanece ligada a maior parte do dia. Enquanto as crianças brincam, Glória cuida de uma pequena horta, lava roupa, observa as brincadeiras das crianças ou conversa com as vizinhas. Sua presença é mansa e conserva muito do ritmo da vida rural. Interessa-se muito pelas atividades que a pesquisadora desenvolve com as crianças e em mais de uma ocasião aproveitou-se da ausência destas para, escondida e envergonhada, experimentar os materiais e arriscar um desenho. O pai passa o dia fora de casa, chegando à noite e saindo muito cedo no dia seguinte. Atualmente trabalha como pedreiro por conta própria no Jardim ou em bairros vizinhos. Ganha irregularmente, dependendo das oportunidades de trabalho; às vezes, não tem dinheiro nem mesmo para comprar um caderno, outras vezes recebe o suficiente para trazer para casa uma compra maior de mantimentos. Em função disto, muitas vezes não há como corresponder a exigências materiais da escola, nem que seja a compra de uma folha de papel especial. Quando não têm o material necessário, as crianças relutam em ir à escola e muitas vezes não vão.

Glória é analfabeta e retém alguns dos padrões culturais de sua infância; além de tentar produzir parte dos gêneros alimentícios no quintal, cultivando uma pequena horta, não tem relógio em casa, recorrendo ao rádio quando presente que se aproxima a hora de mandar Gilmar e Nailton para a escola. É tímida, se autodeprecia por ser mulher e enaltece a figura do marido, a quem se submete sem questionamentos. Sua crença na inferioridade da mulher a leva a depreciar constantemente as filhas, impedindo-as de participar das atividades propostas pela pesquisadora, alegando que "é só para os meninos", mesmo quando esta insiste na participação de todas as crianças. É afetuosa com os filhos e os protege do marido, que bate nas crianças quando chega e as encontra na rua. Aparenta mais idade do que seus 33 anos, ao contrário de Pedro, que parece bem mais novo do que ela, apesar de ser um ano mais velho. Embora só saiba assinar o nome e realizar algumas operações aritméticas simples, ele

é um profissional competente, que desempenha bem várias atividades na construção civil. É sociável, tem um relacionamento afetivo com os filhos mas trata a mulher orientado pela certeza de sua inferioridade. Embora a maior parte do tempo fora de casa, sua presença é forte e estruturante da rotina familiar. Apesar de pequena e mobiliada com poucos móveis muito usados, a casa é limpa e as crianças são saudáveis e bem cuidadas. Tal como na casa de Ângela e de Augusto, não há horários fixos para as refeições durante o dia; à medida que sentem fome, as crianças vão-se servindo de arroz, feijão e alguma "mistura" que a mãe prepara.

Se no caso de Ângela chamou nossa atenção a espreiteza com que ela desempenha as atividades domésticas e sua vivacidade e curiosidade no contato com o mundo, se no caso de Augusto o aspecto mais marcante foi sua capacidade afetiva e sua luta para livrar-se das pressões que sofre na escola e em casa, no caso de Nailton destaca-se sua paixão por pipas, seu gosto pela rua e pelo grupo de amigos, sua persistência e suas habilidades que desmentem o diagnóstico de "oligofrenia leve".

A diferença de classe social entre a pesquisadora e a família mobiliza, também nesta casa, ansiedade paranoide e depressiva em seus membros, especialmente em Glória; apesar de aceitar, submissa, a presença da pesquisadora, sem nem mesmo exigir uma explicação que lhe seja compreensível sobre a intenção desta, não deixa de expressar o desconforto que esta presença lhe causa quando diz às duas filhas pequenas, em tom de brincadeira, que a pesquisadora viera "pra levar o nenê embora". Mais que isto, quando a pesquisadora pergunta-lhe o que havia pensado quando viu uma pessoa ligada à escola bater à sua porta, ela responde que achou que os meninos teriam "aprontado" alguma coisa na escola, tendo chegado a dizer a eles que a pesquisadora viera buscá-los porque haviam feito "malcriadeza" na escola.

Inicialmente desconfiado e arredio, Nailton vai aos poucos se chegando à pesquisadora, na exata medida em que esta lhe demonstra que não veio cobrar nada e que pode ver e valorizar as coisas que ele faz. É um menino grande, forte e ativo que, ao lado do irmão Gilmar, faz de sua casa, do quintal e da rua fontes inesgotáveis de possibilidades, utilizando todos os recursos que pode obter das latas velhas, bambus, linhas, pedaços de objetos, somados às suas habilidades e à sua persistência transformam-se nos brinquedos que seus pais não podem comprar. É assim que, com algumas varetas, um pedaço de barbante e muita perseverança, tenta construir uma arapuca sem que ninguém o tenha ensinado; como as varetas ficam frouxas, desfaz e refaz quatro vezes, até obter o resultado desejado, que é assim explicado à pesquisadora:

"Não pode ficar nenhum buraco aqui porque se o passarinho botar a cabeça pra fora ele foge, se ele consegue botar a cabeça pra fora, ele pode bicar o barbante e desmanchar a arapuça..."

Além de mostrar capacidade de transitar da esfera do real para a dimensão das possibilidades ao apresentar esta explicação, Nailton enfrenta outra dificuldade ao se propor armar a arapuça, pois é preciso encontrar o ponto de equilíbrio entre as varetas que acionarão a arapuça e o corpo da própria armadilha. A tarefa não é fácil e o desafia: "tá muito difícil, mas vou conseguir, nem se eu ficar aqui meia hora, vou conseguir". E conseguiu.

Com duas latas vazias de leite em pó e um arame constrói um brinquedo para a irmã; a menina sobe nas latas e anda pelo quintal com se andasse em pernas de pau. Um caixote velho serve para fazer uma carriola, na qual carrega as duas irmãs. Ao passar pela rua, percebe que muitas contas de um colar de plástico vêm rolando pela ladeira; após juntá-las, confecciona três colares: um para cada irmã e um para a pesquisadora, mostrando destreza ao enfiar as contas num fio de nylon, também achado na rua. No quintal, as possibilidades também são muitas: Gilmar e Nailton confeccionam peças de barro, constroem cavernas, fazem no barranco garagens para carrinhos velhos que acham no lixo.

As pipas são, no entanto, sua paixão na época da pesquisa. Confecciona-as de vários modelos e solta-as de cima da laje ou correndo rua abaixo; às vezes, inventa um modelo novo e se propõe desafios como, por exemplo, construí-las sem a armação de linha. Embora criativo, não se percebe como tal porque, na família, é Gilmar o designado como colaborador, calmo e inteligente, em contraposição a Nailton, tido como "nervoso". Por isso, os dois mantêm uma relação de competição e cooperação; muitas vezes, Gilmar assume a dianteira na execução de algo e Nailton aceita; outras vezes, irrita-se com as interferências do irmão e retira-se da situação. De modo geral, no entanto, Nailton parece aceitar a "superioridade" do irmão e tenta beneficiar-se dela, pedindo-lhe, por exemplo, que leia e escreva para ele. Embora crie pipas dos mais diferentes modelos e cores, não se considera criativo, só o admitindo em último caso:

"Meu irmão sabe inventar um monte de coisa. Ele não copia, não, ele inventa. (?) Ele tira o desenho de dentro da cabeça. Eu não invento nada... (?) Ah, eu invento pipa e cerol, mas é que precisa ter papel, caco de vidro e farinha. Aí eu invento mesmo!"

O rótulo de "nervoso" parece estar grudado em seus dentes; frequentemente ele faz referência ao seu "nervosismo". No entanto, observamos que Nailton grita e chora em circunstâncias nas quais qualquer criança faria o mesmo; por exemplo, ao empinar uma pipa

"peixinho", que fez com muito cuidado, altera-se quando percebe que alguns meninos estão tentando lançá-la no ar; ao ver que o irmão, contra a sua vontade, tenta empinar uma pipa "estrela" que ele havia feito para um concurso na escola e a quebra, fica revoltado, grita e reclama. Dona Glória também aderiu ao jargão escolar e médico: "Acho ele muito nervoso, chorão demais; qualquer coisa ele chora...", dizia ela, ainda em 1983, quando de uma entrevista na escola.

Quando desenham — e estas crianças desenharam muito durante as visitas da pesquisadora — Nailton e Gilmar nos dão elementos para entender a natureza das tarefas escolares e sua relação com elas. Em primeiro lugar, "desenhar" para eles significa, acima de tudo, reproduzir, o mais fielmente possível, desenhos já feitos na escola, segundo um modelo fornecido pela professora; por isso, suas produções gráficas caracterizam-se pela estereotipia. Às vezes, fazem um grande esforço de memória para tentar resgatar detalhes de desenhos que aprenderam a fazer na escola. Complementar a esta observação, o pai relata que, quando menores, Gilmar e Nailton gostavam muito de desenhar (tanto que certa vez comprou um caderno de 200 folhas para eles) mas depois foram perdendo o interesse e hoje "não querem saber muito". Tal como acontece com os irmãos mais novos e ainda sem experiência escolar de Ângela e Augusto, Luciana, em contraste com Gilmar e Nailton, revela uma grande vivacidade e liberdade para lidar com atividades "escolares": desenha com desenvoltura, conta histórias e mostra-se mais disposta que seus dois irmãos mais velhos a expor-se nestas tarefas.

A estereotipia também está presente quando se trata de ler e escrever. Quando se propõe a escrever seu nome, Nailton diz que aprendeu a "copiar da professora". De modo geral, tanto ele quanto Gilmar têm grande dificuldade para discriminar letras e sílabas, embora estejam há três anos na escola. Como no caso dos desenhos, estão presos a modelos dados pela professora que tentam afritamente recordar para reproduzir; por exemplo, Gilmar só consegue escrever uma palavra que contém a sílaba "ta" quando se lembra, com muito esforço, que é o "ta de tatu". A respeito da atividade de leitura, Nailton, ao folhear seu caderno onde constam cópias da cartilha, diz:

"Eu só sei ler um pouco daqui. A primeira lição eu sei ler porque não tem essa letra; essa que eu copiei hoje eu não sei, vou aprender essa letra hoje."

Quando lê, o faz norteadado pela memorização do conteúdo da lição e não raro substitui uma palavra por um sinônimo, fato muito frequente entre as crianças na escola do Jardim. Também no caso da escrita, não se permitem produzi-la, inventá-la, "tirá-la da cabe-

ça", como diz Nailton, limitando-se a reproduzir palavras que memorizaram na escola. Lidar com palavras, seja para lê-las, seja para escrevê-las, é uma atividade que mobiliza ansiedade e bloqueio; acompanhados por um adulto que os tranquilize e lhes dê confiança nestas atividades, surpreendem pelo interesse e pela capacidade que têm de produzir escrita.

Além de habilidoso, persistente e ativo em seu cotidiano, Nailton revela capacidade cognitiva ao realizar suas atividades lúdicas; por exemplo, a produção de pipas com pedaços exíguos de papel requer competência para lidar com noções de espaço e superfície e para planejar e antecipar resultados. Da mesma forma, sua avaliação de situações é muitas vezes indicativa de operações mentais que em nada sugerem a presença de oligofrenia, mesmo "leve"; numa das visitas, assim que a pesquisadora chega, no meio de uma manhã chuvosa e escura, dona Glória manda que as crianças acendam a luz; Nailton manifesta sua estranheza com as seguintes palavras:

"... de manhã eu pedi pra acender a luz pra fazer a lição e a senhora disse que não e agora que tá mais claro a senhora manda acender? Não tô entendendo..."

o que revela uma inequívoca capacidade de estabelecer relações e de pensar a experiência que os rótulos de cientistas, educadores e médicos sistematicamente desconsideram.

A capacidade de pensar também se faz presente quando se refere à sua experiência escolar. Seu primeiro desenho é uma escola, que desenha com uma régua enquanto seu irmão Gilmar pega sua pasta e copia desenhos que aprendeu na escola. A escola desenhada por Nailton é tão grande que quase não cabe no papel mas a porta é pequena, desproporcional ao desenho. Informa que desejava ter feito uma escada de acesso à porta, mas não pôde porque não coube. Daí, em diante, todas as vezes em que Nailton desenha uma "escola", vê-se às voltas com o problema do acesso. Neste mesmo dia, faz uma outra escola e não coloca as janelas; quando o irmão tenta acrescentá-las, deixa claro que a "sua escola" não tem janelas. A seguir, reitera seu desejo de colocar uma escada em seu desenho e volta a lastimar a falta de espaço. Num outro encontro, propõe-se novamente a desenhá-la; com uma régua, a faz semelhante à anterior, mas um pouco menor. Quando vai desenhar a porta, percebe mais uma vez que não há espaço para a escada. Diante deste fato, resolve que não será mais uma escola (pois "toda escola tem escada") e sim uma casa. Terminado este desenho, comunica sua intenção de afinal desenhar "uma escola com escada". Após apagá-la algumas vezes, finalmente consegue. Pede ao irmão que escreva "escola" na fachada; diante de sua recusa, ele mesmo tenta escrevê-lo, colocando apenas a primeira letra e a última sílaba da palavra ("Ela").

A pesquisadora o ajuda a decodificar as sílabas. A sessão de desenhos termina com a percepção de Nailton de que a escada não leva a lugar nenhum, pois não há porta em seu desenho ("Ih, esqueci de fazer a porta..."), retirando-se da sala num claro gesto de desistência.

Sua primeira lembrança escolar localiza-se na pré-escola:

"A professora só mandava a gente ficar fazendo bolinha, eu ficava cheio disso. A gente tinha que ficar quietinho, se fazia coisa que a professora não tinha mandado, ela arrancava a folha do caderno... mas eu fazia assim mesmo."

Quando fala de sua classe e de sua professora atuais, Nailton também revela sua insatisfação:

"Agora na escola a professora põe uma menina pra marcar as crianças que faz bagunça. Eu já tô cheio; a gente não pode nem jogar papel no lixo, nem pedir nada emprestado que a menina já marca. Qualquer dia eu acerto essa menina."

"A minha professora pede pra gente levar as coisas, mas depois some. Um dia ela pediu pra levar cinco caixas de fósforo. Eu levei mas ela só me deu três. Eu falei pra ela que tinha levado cinco mas ela falou que não, que eu só tinha levado três. Ela fala pra gente levar caderno e some. Ela fala que eu não levei, mas eu levei sim. Eu fico com uma raiva dessas coisas..."

O sentimento de ser lesado é uma constante não só do discurso de Nailton, como também no de Gilmar e de Glória: é como se investissem e tivessem como retorno uma resposta quase sempre decepcionante. Nailton também diz isto quando afirma:

"Eu fiz a lição de casa mas a professora não viu a minha. Ela sempre começa a olhar numa fila e depois não dá tempo de olhar a minha."

Gilmar fala de sua frustração quando conta:

"Na festa junina, quem vendia mais rifa ganhava um prêmio. Eu vendi e sabe o que eu ganhei? Fui o noivo da quadrilha!"

Mas é Glória quem relata a situação mais dramática de falta de acolhida ou, mais que isto, de um profundo sentimento de espoliação; segundo ela, por ocasião de uma festa as crianças foram solicitadas a levar alguma coisa para comer; qual não foi a sua surpresa quando soube que as crianças só tinham o direito de comer se pagassem:

"Vê se pode uma coisa dessa, os bichinho leva e não come..."

Uma das pesquisadoras, presente na escola na época dessa festa, teve oportunidade de presenciar o que aconteceu: era uma festa

junina na qual as crianças levaram comidas para serem vendidas para fins de arrecadação de fundos para a APM. Segundo registro em seu diário de campo, "no dia seguinte, quem fez a festa foram as professoras, que levaram muitos pratos para casa, comentando que não precisariam fazer almoço naquele dia".

É talvez por isso que por ocasião de um concurso de pipas promovido pela escola, Nailton não se mostra muito animado:

"Eu acho que eles não vai devolver a pipa. Não sei se eles vai dar alguma coisa pra quem ganhar... Eu acho que eles não vai dar nada e nem devolver a pipa."

Mesmo quando se refere às tarefas escolares propriamente ditas, Nailton mostra-se capaz de avaliar a precariedade pedagógica da escola, num contraste flagrante com a impressão de alheamento que dá em sala de aula; ao mostrar seu caderno para a pesquisadora, faz um comentário a respeito de algumas contas de multiplicar e somar:

"Eu não entendo nada disso, a professora não ensina direito e eu não sei por que dá isso (apontando o resultado)."

Quando fala de sua experiência escolar, Gilmar também mostra uma capacidade de distanciamento crítico surpreendente; refere-se ao grande número de professoras que já teve em três anos de frequência à escola: "foi tanta que nem me lembro", acrescentando que muitas vezes mudaram-no de classe. Neste momento, Glória interfere para lembrar que quando o colocaram na classe de Grace ele ficou tão triste que as educadoras foram obrigadas a remanejá-lo novamente. Sobre esta professora, Nailton diz:

"Deus me livre ter aula com ela, ela tem uma régua grande e fica batendo nas crianças."

Glória queixa-se de que às vezes os meninos chegam da escola e correm para o banheiro, dizendo que vão "estourar". Recrimina as professoras e acrescenta:

"Isso não pode, não, assim não dá pra aprender mesmo..."

Esta percepção da realidade da escola não é suficiente, no entanto, para a elaboração de uma crítica que norteie medidas de reivindicação e protesto. Para isto contribui de forma decisiva a falta de clareza a respeito de seus direitos e dos deveres do Estado. Quando, no final do estudo, Glória e Pedro conversam com a pesquisadora sobre as visitas e seus resultados, fica evidente a perplexidade de ambos frente do que se passa na escolarização de seus filhos. A mãe a vive de modo menos intenso, tendendo a justificar as professoras, a dar-lhes razão: "Uma criança dá trabalho, imagine tanta, como é que pode?" Ao falar sobre as reprovações de Nailton, inicialmente repete a versão da escola:

"Acho ele muito nervoso, chorão demais, qualquer coisa chora."

Mas na mesma entrevista, ao descrevê-lo na vida cotidiana, diz:

"Brincar, brinca demais. Às vezes deixa as crianças pequena com ele e ele cuida direitinho, às vezes solta pipa no quintal, ele mesmo faz... se dá fome, ele mesmo fritar um ovo e come, tem inteligência... só pra aprender a ler é que não sei, não. Em casa, não é bobo nada!"

Numa outra oportunidade, já em sua casa, inicialmente afirma não ter a menor idéia da causa de tantas reprovações, mas em seguida arremata:

"Acho que é preguiça mesmo, porque ele é muito esperto!"

Assim, embora tenha consciência de algumas inadequações da escola, chegando a relacioná-las com o rendimento das crianças, acaba aderida à versão do fracasso que o localiza no aprendiz. Pedro, no entanto, mostra-se um pouco mais firme na avaliação que faz dos filhos:

"Tiveram uma criação humilde, mas são normal; apenas um é mais levado que o outro (Nailton). Mas os dois são normal."

"Eu não entendo o que acontece, as crianças são espertas, a gente faz o que pode, o que acontece? Fala pra nós: tem a escola, as crianças, as famílias; o que acontece?"

Quando a pergunta lhe é devolvida, articula uma resposta que surpreende pelo que contém de intuição a respeito da relação adulto-criança:

"Eu, no meu entender, acho que tem que ter diálogo. A professora precisa saber o diálogo com a criança. Com a criança, precisa primeiro entender o que ela tá falando e não ela ter que entender a gente... Mas quer dizer que deve ser deprimido. Se não dá nem pra trabalhar deprimido, estudar fica difícil..."

"Você me desculpa, eu não sei se tô errado, mas eu vou falar o que eu acho. É o que já falei; se tem diálogo, as crianças entende, se tá deprimido é difícil, não sei se tô certo, não sei se você concorda."

Ao mesmo tempo em que faz estas afirmações, diz não poder "se meter" com a professora, pois é ela quem manda na classe. Mais que isto, não se julga no direito de reclamar:

"Não pago a escola, é o governo quem dá, se fosse escola que pagava, aí sim."

Coerente com a visão de que a escola não o acolhe, Nailton refere-se com especial gratidão a uma professora que "dava bastan-

te coisas pra gente", embora não se recorde de seu nome. Amante de pipas, tem no vento seu principal aliado. Por isso, afirma, resumindo tão bem sua percepção da escola como um local que o lesa e o mergulha na frustração:

"Fico nervoso com isso; quando vou na escola, venta, quando volto não tem mais vento."

Alheio à complexidade e à riqueza de sua experiência familiar, sem tomar conhecimento das habilidades que ele exibe em suas atividades diárias e aderido a meia dúzia de jargões psicologizantes, um laudo psicológico fazia, no final de 1984, uma relação demasiado simplista entre supostas dificuldades pessoais de Nailton e suas dificuldades escolares. As mesmas recomendações feitas no caso de Ângela continham um espantosa omissão de medidas referentes à escola, bem ao estilo da versão ideológica sobre as desigualdades sociais. O psicólogo que fez o laudo sequer suspeitou que três anos de reprovação escolar possam ter relação com as atitudes de Nailton na execução dos testes.

RESULTADOS GERAIS

a) Nível intelectual — WISC

QI verbal — 87

QI execução — 80

QI total — 81 (médio inferior)

Nailton apresenta algumas dificuldades específicas e um ritmo lento que prejudica o seu desempenho intelectual, portanto a sua aprendizagem escolar.

Na área verbal mostrou-se favorecido nos itens que sugerem a quantidade de informação geral que ele reteve do ambiente e a memória remota, bem como independização da criança, internalização dos julgamentos e normas sociais. Manifestou também a capacidade do pensamento associativo, abstração e conceitualização.

Apresentou dificuldades nos subtestes que exigem atenção, concentração, resistência a distração e memória imediata.

Na área de execução demonstrou capacidade para perceber detalhes no todo, e captar o que é essencial na figura. Da mesma forma, é capaz de analisar um modelo e reproduzi-lo sintetizando as partes.

Encontrando-se de forma menos favorecida nos itens que exigem capacidade para planejar uma ação, conseguindo captar uma seqüência de causa e efeito. Revelou também dificuldades em organizar o todo a partir das partes, sem um modelo externo, exigindo da criança um bom hábito de pensamento e bom esquema

corporal. Há também certa deficiência no que diz respeito à aprendizagem e criação de símbolos gráficos desconhecidos.

b) Desenvolvimento psicomotor — Bender

Durante a aplicação do teste Nailton demonstra um certo grau de crítica ao pedir borracha para arrumar uma figura (5.º) ou em outro caso que pede para refazer porque não fez direito os ângulos (figura 4.º). Foi constatado pelo próprio sujeito uma dificuldade na compreensão das instruções dos testes pedindo que as retomasse.

O resultado do teste do Nailton encontra-se abaixo do QI esperado para 6 anos, portanto não entra em tabela. Indicando uma defasagem da sua idade real em relação ao seu desenvolvimento psicomotor.

c) Personalidade — CAT e HTP

Nailton reflete uma relutância em estabelecer contato com o ambiente, recebe as relações com as pessoas. Sua instabilidade emocional para as inter-relações resulta em sofrimento e o sujeito se mostra relutante em expor-se novamente. Apesar de sentir necessidade do outro usa de grande esforço para chegar até ele, estabelecer a comunicação. Sente-se ameaçado pelo mundo externo e se defende dele isolando-se.

Nailton internalizou a figura paterna como uma pessoa cas-tradora, insensível às suas necessidades, capaz de podar seu crescimento enquanto pessoa. No entanto, o seu desejo é ter um pai companheiro, protetor, capaz de perdô-lo das coisas que considerava errado, que seja continente e que lhe dê segurança.

Quanto à figura materna a vê como alguém mais capaz de realizar o que lhe é exigido em termos materiais, apesar de ser provedora de alguma proteção, mas não o suficiente para que Nailton se sinta preenchido; a criança não obtém satisfação para suas carências afetivas, que é bastante grande. A situação é agravada pelo sentimento de posse em relação à mãe não querendo dividi-la com ninguém.

Necessita de auto-afirmação social, preocupa-se em demasia com a aprovação dos adultos no que faz. Parece uma criança com valores rígidos indicando uma discordância entre o querer e o fazer. Estando muito dependente dos outros para realizar o que deseja, sua atitude diante das situações é de passividade.

Utiliza-se de fantasias escapistas como solução de seus problemas.

Conclusão

Nailton é uma criança carente, prejudicada emocionalmente e com algumas dificuldades específicas no seu desempenho intelectual, necessitando de acompanhamento terapêutico psicomotor e ludoterapêutico.

Orientação: Pais
Psicomotricidade
Ludoterapia

A história de Humberto

Humberto já freqüentava uma classe especial numa escola estadual de um bairro vizinho quando, em 1984, estivemos em sua casa durante algum tempo. No ano anterior fora reprovado pela quarta vez na primeira série e estava incluído entre as crianças da classe de Neide que Marta, a orientadora educacional, considerava "deficientes mentais".

Quando começava a freqüentar a classe de Neide, em 1983, já era considerado um "caso perdido"; segundo seu relato, a professora do ano anterior (Grace) encarregou-se de passar-lhe uma péssima imagem de Humberto no início do ano:

"Já foi retido três vezes, mais uma este ano. Há muito tempo precisava ser encaminhado. A mãe é excelente, participa de tudo — APM, Clube de Mães. Não aceitou o encaminhamento: 'eu não sou louca, meu marido não é louco.' Foi para psicóloga, ela disse que Humberto tinha raciocínio lento e que era para ele ficar em classe mais lenta. Tudo que envolva raciocínio não vai. A Marta colocou ele no reforço, não fez nada. Qualquer coisa que exija raciocínio, não faz nada. Ele lê bem; às vezes copia direito, às vezes omite letra, palavra, espelha. Tem dias que vem, pára a vista e fica fixo em alguma coisa e as lágrimas escorrem. No início do ano agradava muito ele. Quando agradei outro, chorou muito e disse: 'você não gosta mais de mim...' A mãe disse: 'Ele é assim mesmo, mimado, é primeiro filho.' A Marta o encaminhou para uma classe especial em outra escola. A gente tem interesse de saber o problema da criança mas os resultados nunca vêm. Ele fez exames na Itapeva e a psicóloga segurou vaga no Estado. Você percebe no falar; ele omite o r, o s, troca o r por i. Repete bem historinhas. Em matemática é péssimo; faz soma com palito de fósforos, mas multiplicação não, porque envolve mais raciocínio. Olhando parece inteligente, é bonito. A Grace (professora do ano anterior) disse: 'é um bobão, já repetiu várias vezes'. Mas quando fala, você percebe que tem problemas."

Na nova escola, um laudo psicológico, inacreditável pela má qualidade, justifica a inclusão de Humberto numa "classe especial preparatória" que não dá direito à sua reintegração no processo de escolarização normal. Este laudo, redigido por um psicólogo formado não se sabe onde, nem por quem, faz as seguintes afirmações:

"Nível intelectual: deficiente educável, com potencial para classe especial de aprendizagem, de acordo com Rf. 73/78 at. 32. Faixa média inferior.

Informações adicionais: boa aparência, bem cuidado, atento, colaborador, possivelmente orientado quanto a si e aos outros, desorientado quanto a compreender claramente as instruções e as entrevistas, evidenciando durante o diálogo suas problemáticas na fala-dicção prejudicada, bem como sinais de gagueira. Distúrbios temporal-especial. Dificuldades para lidar com associações simples, em tarefas gráficas, embora apresente boa aparência e boa prensão da cópia. Conseguiu copiar figuras simples, tem noções, porém lida mal com espaço e com limites, tentando com razoável sucesso planejar e organizar seu material em seu meio ambiente, salientando-nos seus distúrbios emocionais, dificultando-o expandir-se satisfatoriamente em meio sócio-familiar. Há sinais de comprometimento neurológico e distúrbios psicomotor. Sugerimos fonoaudiologia, oftalmologia, psicomotricidade, EEG e orientação do responsável."

Anteriormente a este exame, Humberto já havia passado por outros especialistas, o primeiro dos quais a própria orientadora educacional da escola que, munida de uma visão muito pobre do processo de aprendizagem escolar, distribuiu diagnósticos de deficiência mental sem qualquer rigor e critério. A própria mãe de Humberto (Zélia) fala sobre este momento vivido na escola: segundo seu depoimento, inicialmente não aceitou o encaminhamento de seu filho, pois achava que ele era normal, apenas preguiçoso, jamais pensou que ele tivesse algum problema. Hoje agradece muito a Marta por tê-la alertado e lhe possibilitado obter orientação na clínica da rua Itapeva. Mas, segundo seu relato, nem todas as mães aceitaram esta orientação:

"Dona Marta é uma santa mulher. Ela avisou muitas mães que as crianças tinha problema, mas umas não quiseram acreditar, até falaram que seus filhos não eram bobos. Ela veio na minha casa falar do Humberto porque já tava com medo de chamar as mães na escola..."

A partir da aceitação do encaminhamento, tem início o processo de estigmatização de Humberto junto à família; o discurso técnico é convincente e seus termos passam a fazer parte da linguagem de Zélia:

"Ele teve que mudar de escola porque tem problema; fez exame da cabeça e deu 'pensamento lento', é por isso que não passa de ano... O médico disse que ele tem dois anos de atraso na cabeça; se agora ele tem 10 anos, a mentalidade é de 8 anos... A psicóloga

disse que ele tem 'problema emocional'... ele fez chapa da cabeça e deu 'pensamento lento' mas o problema maior é mesmo emocional...

As explicações da psicóloga fazem eco em seu espírito e a deixam preocupada; segundo Zélia, informaram-na de que as brigas dos pais prejudicam as crianças e podem deixá-las como Humberto. Além disso foi convidada à resignação: a psicóloga lhe teria dito que "as crianças não pedem para vir ao mundo, por isso precisa ter paciência; se não acompanham, é preciso colocá-las numa escola diferente". Embora tenha dúvidas sobre o diagnóstico (prefere acreditar que o problema de Humberto decorre do fato de ela ser "muito cuidadosa" com ele, ou de preguiça), sua relação com ele é mediada pela crença em sua incapacidade mental, da qual participam os demais membros da família. Sua irmã Areta, 8 anos, cursando a segunda série, e seu irmão Rogério, 7 anos, cursando a primeira série em 1984, relatam, divertidos, as dificuldades de Humberto em casa e na escola. A irmã, muito parecida com a mãe em suas tendências controladoras, insiste em referir-se ao irmão como um "burro" que não consegue passar de ano.

Ao brincar de escola com a pesquisadora e Humberto, Areta coloca-o de castigo, considera errado tudo o que ele faz, antes mesmo de verificar, e confecciona um boletim no qual ele é reprovado: "ele vai repetir mesmo..." Numa outra ocasião, ela escreve a tabuada do sete em seu caderno e insiste que Humberto faça o mesmo: "faz, Beto, você é burro". Quando brincam de casinha, Areta é a mãe, Rogério o pai e Humberto é o nenê, "que vive doente e é muito chorão". Zélia também exerce grande vigilância sobre tudo o que ele faz, sempre à espera do erro e sempre preocupada em corrigi-lo. Quando conversam sobre o que faz um psicólogo, Zélia fala de alguém que é capaz de adivinhar tudo que o outro pensa e também de um especialista que trata de doenças; quando a pesquisadora indaga sobre que tipos de doenças, Areta adianta-se e responde:

"Problema da cabeça, tia. A senhora vem aqui pra saber o que o Beto tem, né? Ele tem problema na cabeça, não passa de ano..."

Humberto ouve estas considerações cabisbaixo, da mesma forma que Areta no dia em que sua mãe traz a notícia de que ela foi reprovada. Para ela, esta notícia é especialmente dura, pois desenvolveu um sentimento de competência em contraposição ao fracassado irmão mais velho e assimilou de maneira exemplar a mensagem ideológica segundo a qual o sucesso na vida depende da capacidade pessoal: afirma mais de uma vez durante os encontros que "precisa estudar porque não quer ser lixeiro" e que "quem não passa de ano é burro".

Humberto é um menino alto para seus quase onze anos, bem desenvolvido, de pele muito clara e cabelos lisos e pretos. É o primeiro filho de Aurício e Zélia, sergipanos que cresceram juntos na periferia de Aracaju, filhos de pequenos sitiantes. Depois do noivado, Aurício veio para São Paulo onde trabalhou como mensageiro de hotel, até ser recentemente promovido a garçom. Quatro anos depois, voltou à terra natal para casar-se e viajar para São Paulo no dia seguinte. Isso foi há onze anos. Como viveram a infância na capital, tiveram mais oportunidades escolares do que os pais de Ângela e Nailton. Aurício cursou até a primeira série ginásial e Zélia declara ter frequentado até a terceira série ginásial. No decorrer dos anos, foram realizando aos poucos o sonho da casa própria, além de terem adquirido alguns cômodos no Jardim, que atualmente alugam para aumentar a renda mensal. Orgulham-se de serem proprietários da casa onde moram, "com escritura e tudo". Durante a pesquisa, realizavam sonhos antigos de revestir o piso da sala, colocar um gabinete na pia da cozinha e uma porta na dispensa, o que foi possível graças à venda de um carro em péssimas condições. O padrão de vida desta família está acima do da maioria dos moradores do bairro; são três quartos, sala, cozinha e dois banheiros, precários quanto aos materiais utilizados na construção mas limpos e arranjados com capricho.

Embora declare não saber nem mesmo andar em São Paulo, Zélia é o principal elemento organizador da vida familiar: decide sobre os negócios do marido, impõe seus desejos relativos às prioridades de gastos com a casa, além de desempenhar um papel de liderança no grupo vicinal, comparecendo como conselheira e prestadora de serviços que vão desde pentear crianças que não permitem que outras pessoas o façam, até pequenos reparos de costura. Bordar com perfeição é uma de suas satisfações, que exerce diariamente desde menina. Como ela mesma diz, todos os vizinhos são "nortistas", o que os torna unidos como se constituíssem uma grande família: as crianças chamam os adultos de "tios" e se consideram todas primas entre si.

O exercício de um papel poderoso no grupo familiar não dispensa Zélia de arcar com o trabalho doméstico; por isso, uma visão idealizada do casamento, bem ao gosto da ideologia, convive nela com uma profunda insatisfação com a vida de casada. Poucos dias depois de enaltecer o casamento e a maternidade, reclama da vida de casada, sobretudo da rotina da vida de uma dona de casa, do excesso de trabalho com os filhos e com o marido que "só é bom antes de casar". Tendo desistido de ser mais feliz nesta vida, sonha com a reencarnação, na qual não vai ter marido nem filhos. Embora não seja submissa como Glória, infeliz como Márcia ou revoltada como Cícera, padece da mesma decepção com o lugar social a que está destinada como mulher.

O nascimento do primeiro filho a mobiliza menos pela maternidade em si do que pelas características da criança:

"Humberto nasceu com cinco quilos, era uma criança branca e muito bonita, era tão grande e bonito que ninguém acreditava que eu fosse a mãe. Por onde eu andava, todo mundo queria segurar o Humberto; não tinha onde passasse que não quisessem ver ele. Eu tinha um ciúme tão grande dele que não tinha confiança em ninguém, até do meu marido tinha ciúme... Até falavam que as enfermeiras tinha trocado de criança no hospital."

A partir desta relação com uma criança que não quer dividir com ninguém ("cheguei a brigar com meu sogro por causa do Humberto, porque ele estava com tosse e pegou o Humberto no colo") e de características de personalidade que a levam a relacionar-se de forma obsessiva com o ambiente, especialmente no que se refere a possibilidades de contaminação, cerceou o desenvolvimento de Humberto, que mantém com ela relações de extrema dependência; ela mesma diz a esse respeito: "ele não sabe viver sem eu". Zélia só tira as fraldas dos filhos aos três anos porque não suporta urina na cama e na roupa, manifesta nojo das mãos sujas dos filhos e considera-se bem-sucedida como educadora porque Humberto tem horror a sujeita, não suja a roupa e "gosta de tudo certinho". Tem consciência de que foi mais "cuidadosa" com Humberto do que com os dois outros filhos e reconhece com relutância que pode tê-lo prejudicado por isso. É compreensível, portanto, que se sinta desconfortável quando a psicóloga da rua Itapeva associa os problemas de Humberto a problemas existentes na família e que se defenda como pode de sentimentos de inadequação sempre iminentes; quando a entrevistamos na escola, ainda em 1983, ela fazia questão de afirmar:

"Eu acho que em casa é tudo normal, como deve ser. O pai é bom, carinhoso até demais. Tenho mais dois filhos e só o Humberto que não passa... acho que não é problema da casa... eu acho que é problema do feitiço dele, é da geração, ele é assim."

Ao conversar com a pesquisadora e uma vizinha, permite-se explorar um pouco sua relação com o filho e, referindo-se ao que considera um "excesso de zelo", conclui que "só pode ser isso", no que é confirmada pela vizinha, que declara que Humberto é uma criança quando está perto de sua mãe e outra quando está longe dela. Juntamente com seus irmãos e crianças da vizinhança, Humberto brinca na rua as brincadeiras típicas das crianças da periferia e dos bairros mais pobres; confecciona pipas (não com a mesma habilidade de Nailton) e prefere amigos mais novos do que ele. Seus pertences, incluindo cadernos e material escolar, são bem cuidados; sua letra é regular e bem desenhada. A infantilização de seu comporta-

mento na presença da mãe é tão visível quanto a maneira infantilizante como esta o trata.

A ausência do pai neste estudo é coerente com o lugar ocupado por Aurício no grupo familiar; embora seja o provedor, comporta-se como um filho de Zélia e como um irmão dos filhos. Quando presente durante as visitas, relaciona-se com a pesquisadora como uma criança que deseja falar sobre as suas coisas, deixando desocupado o lugar de pai; quando a conversa se volta para a situação de Humberto, revela pouco interesse, como se o assunto não lhe dissesse respeito.

Não por acaso, quando desenha sua família, Humberto se desenha doente na cama, e diz:

"A Areta e o Rogério vai pra escola, o pai vai trabalhar, a mãe vai ficar em casa lavando a roupa e eu vou ficar na cama porque estou doente... não posso ir na escola, sou pequeno."

Também previsivelmente, um outro desenho seu mostra "um palhação e um palhacinho... a onda vem vindo e começa a subir, a chuva vai caindo, o palhação vai salvar o palhacinho, cai um raio na perna do palhação, aqui (rabisca forte a região genital), depois cai um raio no palhacinho. A onda vai subindo, subindo (desenha, neste momento, um 'Deus nuvem' na parte superior da folha)." No final da estória, um raio cortou a cabeça de um e o corpo do outro e "os dois ficaram lá no fundo". Como vimos, quando brincam de casinha, Humberto faz sempre o bebê chorão e doente, que gosta quando a irmã faz de conta que troca a sua fralda, valendo-se de um alfinete de verdade.

A partir destas observações, são fortes os indícios de que em Humberto dificuldades de natureza afetivo-emocional interferiram negativamente sobre sua disposição para aprender. No entanto, não se pode negligenciar a contribuição da qualidade da experiência escolar que lhe foi oferecida para os resultados obtidos. Uma prática diagnóstica irresponsável, mesclada ao preconceito generalizado na instituição escolar, transformam fácil e rapidamente um problema num defeito pelo qual a criança deve ser punida: um "bobão" não merece mais do que ser repetidamente provado em sua paciência de suportar a monotonia da repetição de tarefas sem sentido. A um "defeituoso mental" que frustrou a expectativa dos burocratas nada resta além da condenação a uma classe da qual dificilmente sairá, conforme depoimento da própria professora especializada que o recebeu na classe especial em 1984, apesar de ter ficado surpresa com seu encaminhamento, pois não o considera um caso de classe especial ("ele veio de uma classe comum e está praticamente alfabetizado, sabe ler, escrever e fazer algumas operações; o problema dele é que demora pra copiar... acho que ele exige muita atenção

e numa classe com muitos alunos se sente perdido”), rapidamente esquece esta observação durante a entrevista para cair no fatalismo que caracteriza a maioria dos educadores. Indiferente à gravidade da situação que relata, conta que há dois tipos de classe especial na escola: uma preparatória, onde se encontra Humberto, e outra que corresponde a uma primeira série forte, da qual os alunos podem até mesmo ser promovidos diretamente para a terceira série; apesar de achar que Humberto é bom aluno e que não deveria estar em classe especial, não sabe o que será dele no próximo ano, pois não pode saber se algum dos alunos dessa classe forte será promovido, única condição para a criação de uma vaga para Humberto numa classe na qual o número de alunos está previamente fixado em quinze.

Humberto vale-se de todos os recursos para tentar safar-se da escola; Zélia afirma que “não tem menino no mundo que goste menos de ir na escola do que Humberto”. Frequentemente ele pergunta à mãe se a professora não vai faltar, esperando com isso ser dispensado de ir. Seus atuais colegas de classe são meninos e meninas grandes, muitas vezes adolescentes, alguns com visíveis sinais físicos de deficiência mental; na hora do recreio, as crianças compram balas e pirulitos vendidos do outro lado de uma grade de ferro que separa o pátio da ala administrativa, enfiando os braços por entre as barras e gritando todas juntas o tipo de doce que desejam, causando a impressão de que se está numa prisão ou no pátio de um hospital psiquiátrico.

Inicialmente Zélia esconde sua insatisfação com a escola do Jardim, preferindo atribuir o insucesso de Humberto à sua preguiça ou a uma característica do ensino atual que aceita com fatalismo: ao contrário da época em que fez o primário em Aracaju, acha que a maneira como ensinam atualmente tornou a aprendizagem mais difícil, o que a leva a dizer que não se importa quando seus filhos repetem. Mas quando toma conhecimento de que sua filha foi reprovada na segunda série, compara o ensino municipal com o estadual, em detrimento do primeiro, pois acha que seus sobrinhos, que cursam uma escola estadual em outro bairro, sabem muito mais do que seus filhos. Acha as professoras relaxadas, mostra toda a sua indignação e critica a qualidade da escola no seguinte desabafo:

“Só vai passar duas crianças na classe da Areta, tem condições? E as duas que vai passar é menino! É muito difícil; uma classe inteira não passar de ano?! Ela é uma menina esperta, desde o primeiro ano; Areta dá recado, sabe fazer uma compra, Areta sabe de tudo, aqui meu braço direito é ela e não vai passar de ano?! Não entendo mais nada desse ensino; no meu tempo, quase ninguém reprovava e agora está assim, ninguém mais passa... É um ab-

surdo uma recuperação de três dias: se a professora da Areta disser que ela tá de recuperação, vou dizer ‘muito obrigada, mas não sou palhaça de ninguém’. Como pode uma criança recuperar em três dias o que não aprendeu em um ano? A Areta não bota mais o pé na escola este ano... se não me cobrassem tão cara a perua para levar o Humberto na outra escola, eu tirava a Areta daí.”

Também Humberto, apesar de sua infantilidade, das letras que espelha e das tabuadas que não sabe, tem consciência de que alguma coisa vai mal na escola; ao conversar com a pesquisadora sobre o que faz uma psicóloga, insiste em afirmar que uma psicóloga ensina:

“Minha professora não me ensina nada e a senhora tá me ensinando a desenhar.”

O caso de Humberto é um exemplo claro da determinação da “carreira da criança portadora de dificuldades de aprendizagem” em função de sua classe social, à semelhança da “carreira do doente mental” descrita por Goffman. Estritamente ligado à natureza da instituição que dela se encarrega e das relações de poder que se estabelecem entre técnicos e usuários, o destino escolar de uma criança burguesa portadora dos mesmos problemas de Humberto certamente seria outro.

Em 1985, ele cursa a 1ª série pela quinta vez consecutiva. Embora em 1984 sua professora não o considerasse um caso para classe especial, é nela que ele continua um ano depois.